

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GIOVANNA LOPES DE CARVALHO

Mídias e representações da morte
Comparações entre o Brasil e o México do século XX

Uberlândia
I semestre 2022

GIOVANNA LOPES DE CARVALHO

Mídias e representações da morte
Comparações entre o Brasil e o México do século XX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (INHIS/UFU) como requisito parcial para obtenção do título de bacharel e de licenciatura.

Área de concentração: História.

Orientadora: Profa. Dra. Mara Regina do Nascimento.

Uberlândia
I semestre/2022

GIOVANNA LOPES DE CARVALHO

Mídias e representações da morte
Comparações entre o Brasil e o México do século XX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (INHIS/UFU) como requisito parcial para obtenção do título de bacharel e de licenciatura.

Área de concentração: História.

Uberlândia, 26 de janeiro de 2023

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Mara Regina do Nascimento (orientadora) (INHIS/UFU)

Profa. Dra. Carla Miucci Ferraresi de Barros (INHIS/UFU)

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (INHIS/UFU)

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo principal refletir sobre as representações contemporâneas midiáticas da morte no Brasil, possuindo como principal fonte os telejornais brasileiros. O trabalho também se dedica a apresentar uma comparação entre o Brasil e o México, possuindo como objeto de pesquisa o paralelo entre o Dia de Los Muertos e o Dia de Finados. No México, o fenômeno da morte é encarado como motivo de festejos, pois para os mexicanos a finitude humana é representativa das boas lembranças deixadas pelos entes queridos. No Brasil, a cidade de Curuçá, no Pará, mantém uma tradição semelhante à do México, o que é uma exceção. A metodologia empregada foi a de análise qualitativa das fontes e da bibliografia. Chegou-se à conclusão de que no Brasil a abordagem televisiva emprega um caráter de estímulo ao medo, sensacionalista e trágico da morte, sem promover uma reflexão sobre a existência e a finitude humanas.

Palavras-chave: Representações da morte; História; Mídias; Dia de Los Muertos; México

Agradecimentos

Este trabalho não é somente meu, ele tem um pouquinho de cada um que fez parte da minha vida, principalmente durante esses cinco anos de graduação. Por isso, não teria como não deixar um espaço reservado para agradecer essas pessoas tão importantes para mim. Primeiramente, o meu agradecimento mais importante vai para a minha a minha mãe, a pessoa mais altruísta que eu conheço e que sempre abdicou de tudo para fazer possível a minha permanência em Uberlândia. Sempre paciente me aconselhando e me acalmando nos meus momentos mais frágeis, quando a minha ansiedade tentava tirar o melhor de mim. Obrigada mãe.

Meu segundo agradecimento vai para as minhas irmãs, Luana e Sabrina. A Luana, minha irmã mais velha, foi a pessoa responsável por me fazer entender que mesmo não tendo condições financeiras, entrar em uma universidade federal era possível e, por conta da sua perseverança, foi a primeira em minha família a entrar e se formar em uma universidade federal. Tenho certeza que se eu não tivesse o seu exemplo em casa, nada disso seria possível. Obrigada Luana, sem o seu apoio nestes cinco anos isso não seria possível. Sabrina, mesmo você sendo mais nova aprendo e me inspiro muito com você, como você corajosa e forte... queria ser um pouco como você, sem medo de ser o que é sem medo do julgamento das pessoas. Mesmo de longe você me deu muita força e coragem, obrigada.

Meu terceiro agradecimento vai para a minha *roomate*, Paula. Que foi como uma irmã para mim durante todos os anos de graduação, me dando força nos meus piores momentos, me vendo no meu melhor, mas também no pior estado. Paula, tenho certeza que sem o seu apoio diário essa caminhada seria muito mais difícil, obrigada pela leveza que você trouxe nessa trajetória.

Não podia deixar de agradecer o projeto de extensão que eu fiz durante a graduação. A Chronos - Empresa Júnior do curso de História, a Chronos surgiu para mim em uma tentativa desesperada em pertencer a algo, e ela não falhou. Tenho muito orgulho em dizer que fundei junto com mais cinco mulheres incríveis a Empresa Júnior de História da UFU. Vou sentir muita falta de todos, obrigada por todas as memórias que vou levar para sempre em meu coração.

Meus agradecimentos vão também, é claro, para à Professora Mara, minha orientadora que sempre acreditou em mim quando nem eu mesma acreditei. Pensava que seria impossível fazer uma monografia, mas graças à paciência e orientação dela foi possível. Obrigada Mara por tudo que você fez por mim durante esses meses, em todas as nossas reuniões eu chegava ansiosa e sempre saía de lá mais tranquila, aprendi muito com você.

Por fim, o agradecimento vai a mim que só eu sei quão difícil e desafiador foram esses anos de graduação, principalmente esses períodos finais, pensei em desistir inúmeras vezes, mas graças ao apoio de todos que citei anteriormente, e a minha perseverança, não desisti.

Sumário

| | |
|--|----|
| Resumo | 3 |
| Agradecimentos | 4 |
| Introdução | 7 |
| 1 - A televisão no século XX..... | 10 |
| 1.1. A presença da televisão na vida cotidiana..... | 11 |
| 1.1.1. O contexto histórico da origem da televisão..... | 12 |
| 1.1.2. A televisão, influenciadora de opinião: jornalismo e dramaturgia..... | 14 |
| 1.1.3. A televisão no Brasil..... | 18 |
| 1.2. O uso do medo na programação..... | 21 |
| 1.2.1. Cidade Alerta - Rede Record | 23 |
| 2 - A (in)visibilidade da morte nos telejornais..... | 26 |
| 2.1. A contradição entre o distanciamento e aproximação da morte | 27 |
| 2.2. Os telejornais e o sensacionalismo..... | 31 |
| 2.3. A morte nos telejornais | 33 |
| 3- O Dia 02 de Novembro - uma comparação entre o Brasil e o México | 38 |
| 3.1 - Primeiro contato com o Dia de Los Muertos | 39 |
| 3.2 - Resistência e Ressignificação | 40 |
| 3.3 - Dia de Los Muertos | 44 |
| 3.4 – A Santa Morte e a Representação Midiática | 46 |
| 3.5 - Cemitérios a céu aberto no Brasil..... | 50 |
| 3.6 - Iluminação dos mortos em Curuçá-PA..... | 53 |
| Conclusão..... | 57 |
| Referências Bibliográficas | 61 |
| Fontes Digitais e Midiáticas..... | 61 |
| Obras de Referência..... | 62 |
| Bibliografia | 62 |

Introdução

Eu me lembro que durante a disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa em História (MTPH)”, ministrada pela professora Maria Andréa Angelotti Carmo, no curso de História na Universidade Federal de Uberlândia, ela nos aconselhou que a nossa escolha de tema para a monografia tinha que ser algo que nos intriga e nos toca de alguma forma. Naquele período, enfrentando uma pandemia, no ensino remoto, nada me tocava, me intrigava, era difícil sentir algo além de desamparo e medo, mas fiquei alguns dias refletindo as palavras da professora. Neste momento de reflexão, me lembrei de uma pesquisa que fiz no curso na disciplina “História da América I”, ministrada pela professora Ana Paula Spini, sobre o “Dia de Los Muertos” e lembrei o quanto me diverti com ela, quando revisitei este artigo que escrevi recordei o porquê do interesse pelo tema e de certa forma as palavras da professora fizeram sentido para mim.

O interesse em pesquisar o Dia de Los Muertos surgiu após assistir um documentário da Netflix chamado “Turismo Macabro”, que retratava o evento e a Santa Muerte, Santa popular no país, de forma sensacionalista, com músicas macabras e tratando a Santa e os seus seguidores como algo demoníaco, que precisava ser exorcizado. Como eu já possuía um interesse pela cultura mexicana, graças a minha obsessão da infância, a banda mexicana RBD, conhecia o feriado e sabia como estavam o representando de uma forma sensacionalista. Por essa minha inquietação, decidi estudar o tema e foi a pesquisa que mais tinha me agradado até então na graduação, me lembrei quão contente fiquei com o resultado final e quis revisita-la.

Esta pesquisa surge da união de dois temas, a morte e a mídia, mais especificamente a televisão. A morte é um tabu na minha família, assim como na casa de muitos brasileiros, não discutimos sobre ela em roda de conversa comum, então desde a infância foi algo que me intrigava. Felizmente nunca presenciei a perda de um ente querido, por isso sempre tive a fissura em saber como funcionavam velórios e enterros, mas não sentia abertura em casa para perguntar, com medo de ser gatilho para os meus pais, já que ambos perderam seus pais, por isso acabavam guardando todos os questionamentos sobre o assunto. Já a televisão fez parte da minha vida desde sempre, e o momento de descontração da minha família era em volta da televisão, assistindo algum programa no domingo.

O interesse em unir a mídia e a morte se deu pela inspiração que tive da minha avó, que todos os dias assistia o telejornal da Rede Record *Cidade Alerta*, em que a representação da

morte é muito presente. Durante a programação escutava a minha avó reclamar “Mas esse programa só tem morte”, e mesmo reclamando ela não mudava de canal, todos os dias continuava dando audiência para o programa. Isso me intrigava muito, o porquê de a mídia se interessar tanto em noticiar as mortes mais violentas e o porquê do interesse da audiência pelo tema, mesmo reclamando que só se noticiava isso continuava dando audiência todos os dias.

A minha pesquisa foi se transformando muito ao decorrer do processo, inicialmente queria pesquisar apenas o México, seguir com a pesquisa sobre o Dia de Los Muertos e a Santa Muerte, mas quanto mais pesquisava, mais tinha interesse em escrever sobre o Brasil. Felizmente consegui unir os meus interesses em uma só pesquisa e abordar representação midiática da morte nas mídias contemporâneas e uma comparação entre o Brasil e o México.

Como a fonte primária da pesquisa é a mídia, antes de iniciar o estudo já tinha um interesse sobre o tema e um acervo de conteúdo que agregaria muito para pesquisa, por isso escolhi diferentes representações midiáticas da morte para estar presente neste trabalho. Uma das principais fontes são as programações dos telejornais, mais especificamente o *Cidade Alerta*, um dos telejornais líderes em audiência no Brasil, que é exemplo de representação da morte na mídia ao espetacularizar as mortes violentas que acontecem diariamente em todo país. Veremos também a representação da morte através de uma matéria da emissora RedeTV!, que tem como tema a Santa Morte, não poupando também o sensacionalismo para tratar do assunto, usando termos como “seita macabra” para descrever os seguidores da Santa. Além disso, analisaremos a representação da morte em um documentário e um filme, no episódio do documentário “Turismo Macabro” que é ambientado no México, retratando a Santa Muerte e o Dia de Los Muertos também carregado de sensacionalismo, no intuito de amedrontar os telespectadores. Também entra na nossa análise o filme “Viva - A vida é uma festa”, animação ambientada no México no Dia de Los Muertos.

Como fonte de pesquisa, procuramos uma bibliografia bem diversa de estudiosos especializados em mídia, como os historiadores Peter Burke e Asa Briggs, e sociólogos, como Jesús Martín-Barbero. Para a discussão sobre o uso do medo nas representações da morte, nos telejornais, usaremos como base teórica os estudos de Jean Delumeau sobre o medo. Com o intuito de analisarmos o distanciamento da população com a morte, contaremos com os estudos sobre morte do historiador Philippe Ariès. Para discutirmos a influência indígena no Dia de Los Muertos usaremos historiadores como Serge Gruzinski e Ronaldo Vainfas. A discussão sobre o Dia do Finado no Brasil será baseada em bibliografia sobre a criação dos cemitérios a céu aberto no Brasil, usando o estudo das historiadoras Cláudia Rodrigues e Milra Nascimento.

Para concluir usaremos também o trabalho da professora e mestre em Artes, Valéria Fernanda Sousa Sales sobre a Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA.

A pesquisa é dividida em três capítulos, no primeiro deles analisaremos o surgimento da televisão a partir do primeiro protótipo criado em 1908, discutindo as principais questões que surgiram junto com esse produto que revolucionaria as mídias contemporâneas. Para evidenciar o poder de influenciar a opinião e comportamento público da televisão analisaremos no primeiro capítulo a importância da mesma durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), momento de maior controle sobre a população, que por conta do investimento recebido foi um de grande desenvolvimento da televisão brasileira. Após essa introdução sobre a televisão iniciaremos a discussão sobre os telejornais, abordando a objetificação do medo na programação.

No segundo capítulo aprofundaremos a discussão sobre os telejornais e a influência que os mesmos têm na população. Analisaremos a contradição entre o distanciamento da população com a morte e a aproximação da mesma com o tema através da representação dessa na programação diária desses telejornais. Neste capítulo, veremos também como as emissoras entendem o interesse da audiência pelo tema, o sensacionalismo no intuito de manter os números de audiência, tendo as mortes representadas sempre de forma violenta.

No terceiro e último capítulo faremos uma análise comparativa entre o Brasil e o México, usando como objeto o dia 02 de novembro, Dia de Finados ou Dia de Los Muertos. Analisaremos o Dia de Los Muertos no México, a origem do feriado evidenciando a influência indígena na comemoração e a festa em si. Além disso, veremos como é representado o feriado na mídia usando como exemplo o filme “Viva: a vida é uma festa” e o documentário previamente citado “Turismo Macabro”.

Para concluir, nesse capítulo veremos também o Dia de Finados, observando primeiramente o palco principal do feriado, os cemitérios. Trataremos do surgimento desses no Brasil, para entendermos a influência que tiveram na origem e como os vemos na atualidade. Após essa exposição veremos como se comemora o Dia de Finados em Curuçá-PA, cidade brasileira que se destaca pela forma com que se comemora o 02 de novembro e a importância político, econômica, social e religiosa do feriado no município.

1 - A televisão no século XX

Para discutir a influência da televisão na forma com que os brasileiros veem e lidam com a morte, teremos como foco a presença da morte na programação diária dos telejornais, algo que é muito frequente. Além de frequente, na maioria das vezes as mortes noticiadas são sempre mortes violentas e inesperadas, ligadas a algum crime, ou à morte de alguma personalidade famosa. Veremos no próximo capítulo como isso está ligado à busca incessante dos canais pela audiência e como a morte é usada de maneira sensacionalista por esses telejornais, já que este é um tema que intriga muito as pessoas, fazendo com que matérias ligadas a ela gerem audiência e, automaticamente, lucro às emissoras. Além disso, abordaremos também como esse único contato com a morte, através de mortes inesperadas e violentas, tem um impacto na forma com a qual os brasileiros lidam com a morte.

Antes de iniciarmos a análise da presença da morte na televisão brasileira, é muito importante retomarmos e revisitarmos o surgimento da televisão no Brasil, nos anos de 1950, para pensar sobre o que estava envolvido quando essa tecnologia, até então revolucionária, chegaria ao país. Refletir sobre como foi o primeiro contato com a televisão, quem era o público-alvo e quem detinha o poder sobre ela. Ademais, para além da teoria daremos um exemplo de como a televisão foi usada na prática para ditar costumes e formular opiniões no Brasil na década seguinte, no contexto histórico da Ditadura Militar, período marcado pelos avanços tecnológicos na televisão. A televisão foi usada durante esse período como uma importante ferramenta para o controle da cultura de massa, marcada pela falta de liberdade de conteúdo, com a censura relacionada ao que deveria ou não ser notificado, afetando em muito os telejornais. Nosso principal foco para o estudo da televisão neste presente trabalho são os telejornais e, principalmente, o jornalismo espetáculo, que são os telejornais especializados em crimes, que tratam a notícia como uma atração, veremos mais sobre isso ao decorrer do trabalho.

Neste capítulo faremos também um percurso pela análise de Peter Burke e Asa Briggs¹ sobre a mídia, em especial a televisão, para entendermos melhor a influência dela na sociedade. Abordaremos também no capítulo o uso do medo na programação, através dos telejornais,

¹ BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. Uma história social da mídia. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

tendo como foco a busca pela audiência, usaremos como base teórica os estudos de Jean Delumeau sobre o medo.

Portanto, iniciaremos o capítulo abordando o surgimento da televisão, quais eram as principais questões que envolveram o nascimento de uma forma de mídia tão revolucionária como essa, o que se era discutido, quais os temores que se tinha sobre a forma que ela impactaria a sociedade. Após essa introdução sobre o surgimento, falaremos sobre a televisão no Brasil, tendo como foco os telejornais e o uso dela como ferramenta para influenciar a opinião pública. Para encerrar o capítulo trataremos sobre o uso do medo nos telejornais e como isso não é lucrativo apenas para as emissoras, mas também para a indústria de segurança, que lucram com o medo alheio.

1.1. A presença da televisão na vida cotidiana

A importância e presença da televisão no dia a dia do brasileiro não é algo que passe despercebido. Segundo os dados sobre o uso da “Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC” feita pelo IBGE em 2019, de todos os domicílios pesquisados, 96,3% tinham uma televisão. Este número expressivo de casas com o aparelho de televisão não é algo que surpreende, a presença da televisão nas casas dos brasileiros é algo comum, tão comum quanto a família se reunindo no domingo à tarde para assistir algum programa de entretenimento nos canais abertos, algo que já faz parte da cultura brasileira. A força da televisão no Brasil está na sua influência muito grande sobre a vida dos brasileiros, que pode ser vista de diferentes maneiras, seja na questão da propaganda, como também e, principalmente, a força da televisão como formadora de opiniões e ditadora de costumes. que se tornou uma grande ferramenta capitalista de divulgação de produtos, entre um programa e outro, com muita visibilidade, onde 30 segundos de publicidade na tv aberta pode render milhões de lucros para o divulgado.

A televisão do Brasil se transformou muito ao longo de sua história, se adaptando aos avanços tecnológicos, influências da televisão estrangeira e principalmente interesses da audiência. No início, quando a televisão surgiu no Brasil em 18 de setembro de 1950, não se acreditava que ela teria o mesmo impacto e influência das rádios e até mesmo do jornal impresso, que faziam parte do cotidiano da sociedade, sendo as principais formas de receber informações e entretenimento. Devido ao atraso da notícia, inicialmente a TV não foi um atrativo para o público, pois os telejornais eram praticamente uma rádio com imagem, um jornalismo feito por radialistas, sem o uso de estratégias do que viria a ser os telejornais dinâmicos que conhecemos hoje. Em seus inícios, acreditava-se que a televisão no Brasil não

teria o mesmo impacto que o rádio e os jornais impressos, uma vez que a televisão não era acessível a todos os estratos da população. Porém, a televisão através de avanços tecnológicos que permitiram que a qualidade da mesma fosse melhorando e de sua programação fosse ficando mais atrativa para o público, como as telenovelas, telejornais com variedade de imagens, programas de auditório que tinha como foco a atração a massa popular, a televisão foi se consolidando como uma das principais mídias no Brasil, conseguindo se sobressair em diversas camadas da sociedade. Até mesmo nos dias atuais, com o surgimento da internet que possibilitou o acesso à informação de forma rápida e prática, a TV se adaptou e passou a incluir uma linguagem semelhante à da internet, de conteúdo voltado ao público mais jovem.

Antes de iniciarmos a discussão sobre a televisão no Brasil, acredito ser importante abordarmos a origem da televisão, seu primeiro protótipo, quando iniciaram as vendas, a primeira transmissão e, principalmente, o que os estudiosos achavam do surgimento desse aparelho tão revolucionário. A televisão é tema central de muitas pesquisas, sua história e seu impacto foram tema de muitos estudiosos, intrigados com a consequência que essa ferramenta poderia ter na vida da população, em especial na vida das crianças, seu impacto no desenvolvimento delas, sendo esse um tema contraditório até hoje em dia. Por isso, neste próximo subtópico abordaremos um pouco mais sobre isso, o surgimento e as principais discussões sobre a televisão.

1.1.1. O contexto histórico da origem da televisão

No importante livro “Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet”, escrito por Peter Burke e Asa Briggs, os autores fazem um estudo sobre a história das mídias por um panorama cronológico, o surgimento de cada uma delas, as mudanças, diferenças, o impacto, e, principalmente, as suas consequências sociais. No capítulo 4, os autores falam sobre o surgimento de várias mídias e uma delas é a televisão, nos apresentam a origem da televisão como uma experiência em 1908, a partir da descoberta do engenheiro elétrico escocês Campbell Swinton. Mesmo sendo esse primeiro aparelho, que conhecemos hoje como televisão, ter sido criado em 1908, os autores relatam que o objeto passou a ser colocado à venda apenas em 1920. Com a criação deste aparelho revolucionário, que segundo a teoria poderia transmitir imagens, muitos estudiosos passaram a estudar o fenômeno e fazer previsões sobre o futuro deste. Muitos tinham previsões pessimistas sobre ele, acreditavam que demoraria muito tempo para que a tecnologia conseguisse transmitir imagens através deste novo aparelho. Os autores nos relatam que em 1930 já se tem a primeira transmissão na Grã-Bretanha, de uma

peça de Pirandello, indo contra a previsão de que demorariam décadas para que isso fosse possível. Foi a partir de 1930 que começaram a surgir outros sistemas de televisão pela Europa e rapidamente foi se tornando uma tecnologia mais presente. Porém, foi apenas na chamada “A idade da televisão”, em 1950, que essa mídia teve um crescimento expressivo na sociedade.

Peter Burke e Asa Briggs, após apresentarem a origem do aparelho de televisão, passam a analisar o impacto que essa tecnologia revolucionária teve na sociedade. Em um dos capítulos, mais precisamente, no capítulo 5, “Informação, educação, entretenimento”, os autores analisam o fenômeno social da televisão e nos propõem a pensá-la de outra maneira. Um dos pontos principais do capítulo é a questão de como a partir do século XX, mais precisamente nas décadas de 1950 e 1960, com o desenvolvimento da radiodifusão, fez-se com que as “linhas divisórias” entre a informação, educação e entretenimento se relacionassem frequentemente. Durante o século XIX, estes termos não se relacionavam, informação e entretenimento não “se misturavam”. Porém, com o surgimento dessas novas tecnologias elas passaram a se relacionar e essa divisão foi desaparecendo. Ou seja, para os autores, com o desenvolvimento dessas novas tecnologias, que reinventaram o acesso à informação e trouxeram muitas mudanças na forma com que ela chegaria até a população, a linha entre uma e outra foi “apagada”, elas se encontram, se comunicam a todo momento.

O “ambiente” de onde surgiriam as informações era, ao mesmo tempo, fonte de educação e entretenimento para a população, e isso se via muito presente nos programas de rádio. No Brasil, esse fenômeno também foi muito presente, pois as rádios eram o recurso onde a população buscava o entretenimento, com músicas e radionovelas, mas também informações. O mesmo poderia ser dito sobre os jornais impressos, que possuíam sempre as páginas destinadas ao entretenimento, através de consultas astrológicas e conselhos amorosos. Este efeito também é posteriormente encontrado nos canais de televisão, como local onde se recebiam as informações através dos telejornais, mas também o entretenimento através das telenovelas, grande sucesso no Brasil, e programas de auditórios, que tinham como foco a atratividade do público popular, usando como estratégia apresentadores que a população poderia se identificar.

Outra informação muito interessante sobre a televisão que Peter Burke e Asa Briggs nos apresentam é sobre, como no surgimento da televisão, os estudiosos acreditavam que o aparelho seria atrativo apenas para a elite. Porém, os autores afirmam que as previsões dos estudiosos não foram concretizadas.

Essa crença, porém, mostrou-se totalmente incorreta, mesmo antes do fim do congelamento. Com a oferta de poucos programas, a produção de aparelhos

creceu consideravelmente entre 1947 e 1952, de 178 mil para 15 milhões; em 1952 havia mais de 20 milhões de aparelhos em uso. Mais de um terço da população norte-americana tinha um: os dados para 1948 eram de 0,4%, com significativa proporção de aparelhos em bares, e não em casas.²

Em 1948, a televisão já estava sendo considerada o “bem de luxo” do cidadão comum, e este foi o ano conhecido como o “ano da televisão”. Os autores falam sobre como neste ano a audiência em massa começou a crescer expressivamente, enquanto a audiência do cinema ia caindo drasticamente. “A ida média semanal ao cinema caiu de 90 milhões em 1948 para 47 milhões em 1956. O número de salas de cinema chegou ao auge em 1945, com 20 mil casas e depois caiu para 17.575 em 1948 e 14.509 em 1956”.³ Inclusive, esse sucesso da televisão incomodou o monopólio de Hollywood, dos empresários preocupados com o impacto do aparelho na indústria de cinema. Tentaram fazer com que a televisão fosse paga, mas não conseguiram, já que as redes de rádio tinham muito poder.⁴

Mesmo com o incômodo e tentativa de frear o crescimento da televisão, o mercado doméstico da mesma cresceu e com isso a televisão norte-americana passou a ter foco no exterior. Na divulgação da mesma, através da exportação de formato e programas, e na década de 1960, a quantidade de países com acesso ao aparelho já passava de 90,⁵ e rapidamente a televisão passou a ser uma das principais, senão a principal, ferramenta de difusão de informação, educação e entretenimento.

O efeito dessa transição de mídia “civilizatória”, ditadora de informações, de jornais escritos, para televisão, foi avaliada por vários estudiosos. Era claro que essa mudança assustaria os pesquisadores, era um novo mundo sendo aberto, a possibilidade de transmissões ao vivo e simultâneas era algo revolucionário. Por conta disso, muitos eventos históricos foram marcados e registrados por conta dessa tecnologia, como por exemplo a chegada do homem à lua em 1969, sendo a sua transmissão um marco na história.

1.1.2. A televisão, influenciadora de opinião: jornalismo e dramaturgia

Com a explosão da televisão, na era conhecida como “A idade da televisão”, essa nova tecnologia, cada vez mais globalizada, se tornou uma das principais influenciadoras de opiniões. A ideia do Estado se apoderando da mídia para manipular a opinião pública não

² BRIGGS; BURKE, Op. Cit., p.234.

³ Idem, Ibid.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid., p.240.

surgiu com a televisão, pois podemos observar isso em outras mídias, como por exemplo o rádio. Mas é inegável que a influência se intensificou com a televisão.

Um exemplo da mídia sendo usada como ferramenta de controle e manipulação no Brasil é o rádio. O antropólogo e filósofo colombiano Jesus Martín-Barbero,⁶ autor de “Dos meios às mediações”, estuda os meios massivos e sua relação com o popular. Para o autor, o massivo é uma nova forma de sociabilidade e o Estado usa desses meios massivos para incorporar o popular na cultura nacional e de certa forma “controlar” a população, usando desses meios para ser o porta-voz da população. O autor cita vários exemplos, como o caso do uso da “música negra brasileira”, para o projeto de nacionalismo musical dos anos 1930.⁷ O Estado se apropria da música popular, por ser algo que faz parte do dia a dia das massas, algo em que elas se reconhecem e a usam para manipular a opinião pública. Com músicas que dizem o que eles querem, como por exemplo na exaltação do trabalho e reprovação de letras que enfocam “a malandragem”.

O mesmo acontece com a televisão, que se tornou presente no cotidiano das massas populares, por sua linguagem acessível, que se difere por exemplo dos jornais letrados, que não eram acessíveis para todos os públicos. Na programação televisiva, no entanto, a pessoas podiam se sentir representadas, como por exemplo nas novelas, que se tornaram febres nas programações da América Latina, e os programas de auditório, que usavam uma linguagem popular. Por isso, para manter o monopólio sob todas as camadas da população uma das estratégias usadas pelas emissoras foi a de unir e aproximar o jornalismo com a dramaturgia, arte e jornalismo, no intuito de integrar todas essas camadas.

Os programas de auditório e de variedades ficam a meio caminho entre o jornalismo e a dramaturgia, ou a arte em geral. Ou seja, eles buscam uma legitimação por meio de tentativas de aproximação tanto ao jornalismo como à dramaturgia e às demais expressões artísticas. Essa aproximação pode ser observada por meio da escolha dos apresentadores, com uma diminuição do número daqueles que não são formados em jornalismo e a ampliação daqueles com passagem anterior pelo campo propriamente artístico, bem como da escolha de matérias: por um lado, o jornalismo passou a ser incluído nos programas de auditório; por outro, cresceu o número de matérias que giram ao redor da dramaturgia da própria televisão. Também as emissoras afiliadas regionais desenvolvem programas de auditório e de variedades locais, reproduzindo a hierarquia existente entre os profissionais do jornalismo e os de tais programas.⁸

⁶ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

⁷ *Ibid.*, p.238.

⁸ BERGAMO, Alexandre. *Imitação da ordem: as pesquisas sobre televisão no Brasil*. *Tempo Social* [online]. 2006, v. 18, n. 1 pp. 303-328. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000100016>>. Epub 17

O poder de influência da televisão era algo que afligia os estudiosos, que acreditavam que ela “era uma força negativa que distorcia as notícias e seus conteúdos.”⁹ Até hoje os efeitos da televisão na sociedade são alvo de muitas pesquisas e críticas, principalmente quando se fala sobre o efeito dela nas crianças, que também foi tema de muita discussão durante a “explosão da televisão”. Um dos argumentos usados por estudiosos era que a televisão iria impactar o desenvolvimento das crianças, não permitindo que elas desenvolvessem de forma autônoma o pensamento, já que a televisão faria isso por meio das imagens, tendo o impacto no desenvolvimento da consciência e linguagem.¹⁰

As pesquisas dos estudiosos que surgiram durante a “idade da televisão” não estavam erradas, havia razão para temer o poder de influência que a televisão teria. Tendo como base os tempos atuais, mesmo com o poder da internet, a televisão continua com a sua importância na hora de ditar os costumes. Um bom exemplo disso são os personagens das telenovelas que terminam ditando o que está na moda ou não, personagens de grandes sucessos lançam o que se torna tendência na moda no Brasil, de maneira muito direta: caso bem conhecido é o da personagem da atriz Giovanna Antonelli, a Delegada Helô, que fez muito sucesso na novela “Salve Jorge”,¹¹ com seus acessórios e estampas. Tudo que a personagem usava tornou-se uma “febre” no Brasil, encontravam-se na internet inúmeras matérias ensinando os “segredos” do estilo da personagem e como “Imitar o estilo da Delegada Helô”.¹²

Para além da moda, as novelas ditam muito mais que tendências *fashions*. Bordões memoráveis de personagens populares também são sucesso, ficam na “boca do povo” e permanecem no vocabulário popular mesmo após o fim das transmissões. Viraram “clássicos” o “Tô com reiva”, da personagem Juma Marruá, no sucesso da Rede Globo “Pantanal”,¹³ ou o “Sou chique, bem”, da novela “Chocolate com Pimenta”.¹⁴

Jul 2006. ISSN 1809-4554. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000100016>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

⁹ BRIGGS; BURKE, Op. Cit., p.244.

¹⁰ BERGAMO, Op. Cit., p.305.

¹¹ Telenovela brasileira produzida pela TV Globo e exibida no horário das 21 horas, de 22 de outubro de 2012 a 18 de maio de 2013, em 179 capítulos.

¹² Copie o look da delegada Helô, vivida por Giovanna Antonelli em ‘Salve Jorge’. Terra, 2013. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/moda/copie-o-look-da-delegada-helo-vivida-por-giovanna-antonelli-em-salve-jorge.00285569dd94d310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>> Acesso em: 05 de dezembro de 2022.

¹³ Pantanal foi uma telenovela das 21h da Rede Globo, exibida de 28 de março a 07 de outubro de 2022, remake da aclamada telenovela de 1990, originalmente produzida pela extinta Rede Manchete.

¹⁴ Chocolate com Pimenta é uma telenovela brasileira produzida pela TV Globo e exibida originalmente de 8 de setembro de 2003 a 7 de maio de 2004, em 209 capítulos.

Por conta desse poder de influenciar as pessoas que a televisão possui, as marcas investem muito nas propagandas durante as pausas da programação. Segundo a *Veja São Paulo*,¹⁵ um comercial de 30 segundos durante o *Jornal Nacional* pode chegar a custar 1,3 milhão de reais. As propagandas da televisão aberta são alvo de muitas polêmicas e debates acalorados, por saber a força que elas têm, sobretudo a publicidade infantil. A televisão era o principal meio utilizado para atingir as crianças através das propagandas estrategicamente usadas durante programas infantis, como durante as tardes na Rede Globo, nos filmes da *Sessão da Tarde*. A publicidade infantil pode trazer inúmeras consequências negativas para a vida da criança,¹⁶ como por exemplo, o consumo de alimentos industrializados e ultra processados, afetando os hábitos alimentares e saúde das crianças. Por conta disso, surgiram algumas leis no Brasil no intuito de controlar essa publicidade e proteger as crianças das consequências que elas podem ter, como a Lei nº 13.257/2016 que protege as crianças contra a violência e pressão consumista e que adota medidas para evitar a inclusão precoce das mesmas na comunicação mercadológica.¹⁷

Vale ressaltar que sabemos que nenhum meio de comunicação exerce cem por cento de influência sobre seu público, e que este não absorve tudo sem filtro, ou como se tábula rasa fosse. As mídias são movimentos de mão dupla, podem ditar modas, mas também se apropriam do que já circula na sociedade. As manifestações culturais muitas vezes apenas se veem representadas na mídia, que depende das mesmas para que sua programação tenha sucesso. Essa é uma discussão bastante polêmica e sempre em aberto, pois é difícil medir o quanto os meios de comunicação influenciam o telespectador e o quanto são influenciados por esse. De qualquer forma, a relação é quase sempre desigual.

Por essa razão, nossa intenção neste capítulo foi a de salientar o poder de influência que a televisão tem. Veremos a seguir a televisão no Brasil e o impacto que ela teve na sociedade, focando principalmente o período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), que foi um momento da história de muitos avanços tecnológicos na televisão, surgimento de grandes programas, como o *Jornal Nacional*, mas também muitos retrocessos, como por exemplo, a censura.

¹⁵ Mais caro da Globo: quanto custa um comercial no *Jornal Nacional*?. *Veja São Paulo*, 2021. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/quanto-custa-comercial-globo/>> Acesso em: 05 de dezembro 2022.

¹⁶ Publicidade Infantil: entenda o que é, os problemas e a Lei no Brasil. Neilpatel. Disponível em: <<https://neilpatel.com/br/blog/publicidade-infantil/>> Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

¹⁷ Porque a publicidade infantil é proibida. Publicidade Infantil Não. Disponível em: <<https://publicidadeinfantilnao.org.br/secao/10-motivos-para-nao-expor-as-criancas-a-publicidade/#:~:text=A%20Resolu%C3%A7%C3%A3o%20n%C2%BA%20163%20de,consumo%20de%20produtos%20e%20servi%C3%A7os.>> Acesso em: 20 de Dezembro.

1.1.3. A televisão no Brasil

Embora já tenha recebido tratamento acadêmico, ainda faltam estudos historiográficos sobre a televisão brasileira. Maria Luiza Gonçalves Baracho em, no artigo “Televisão brasileira: uma (re)visão”,¹⁸ critica essa falta de historiadores pesquisando sobre o início da televisão no Brasil e afirma que este trabalho está sendo feito apenas por memorialistas. A autora propõe revisar a história da TV desde os seus primórdios. Alexandre Bergamo também faz críticas em relação ao estudo da televisão, tendo como alvo de crítica a fragmentação do estudo da televisão brasileira.¹⁹ Problematizando como os estudiosos do tema enfocam os gêneros de maneira independente (telenovela, jornais e programas de auditório), o autor aponta a ausência de um estudo interdisciplinar entre os gêneros.

Como já informamos, a televisão brasileira surgiu na década de 1950 e neste período o público-alvo estava em formação. Baracho afirmar que em 1960 a quantidade de domicílios com o aparelho ainda não era grande, menos de 5%. Porém, Gonçalves cita que em 1970, o aumento foi muito expressivo. No Sudeste mais de 40% dos domicílios já contavam com o aparelho de transmissão. Um dos motivos pelos quais a autora atribui esse aumento no número de casas com acesso à televisão é a preocupação das emissoras, principalmente da Rede Globo, em fazer com que a televisão chegasse nos lugares mais distantes, se importando principalmente em tornar a sua programação atrativa para a massa popular, levando para a programação o interesse desse público. Rapidamente depois disso a televisão se tornou uma das principais mídias no Brasil.

Um dos sucessos da televisão brasileira, importante fonte de informação presente no cotidiano das famílias de todo o país, são os telejornais. Os jornais são sucesso nas programações das emissoras desde o surgimento da televisão. No segundo dia de transmissão da televisão no Brasil foi ao ar o primeiro telejornal, o “Imagens do Dia” da TV Tupi. Jaciara Novaes Mello²⁰ estudando os telejornais mostra as transformações vivenciadas no decorrer dos anos, relata que inicialmente esses não eram tão atrativos para o público, já que as notícias não chegavam para a população com a mesma rapidez dos rádios. Além disso, os telejornais recebiam muitas influências das rádios, os locutores passaram a apresentar os jornais, então os telejornais eram basicamente uma transmissão de rádio com imagens. Não demorou para que

¹⁸ GONÇALVES BARACHO, M. L. Televisão brasileira: uma (re)visão. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, v. 4, n. 2, p. 1-19, 14 jun. 2007.

¹⁹ BERGAMO, Op. Cit., p.303.

²⁰ MELLO, Jaciara Novaes. *Telejornalismo no Brasil*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2009.

as emissoras percebessem que precisariam se adaptar a um novo formato, para conseguir tornar mais atrativo para a população.

Mas, o cenário começou a mudar quando o patrocinador do ‘Repórter Esso’ firmou apoio ao jornal junto a uma agência de notícias norte-americana, a United Press Internacional. Com o acordo, as matérias deixaram de ser basicamente orais e passaram a ter mais ilustrações. Esta possibilidade aumentou o ‘poder de sedução’ dos noticiários sobre o telespectador.²¹

As emissoras passaram a investir em inúmeras estratégias para transformar os seus telejornais, como a adição de mais variedade de imagens durante as programações, ou o investimento em jornalistas para comandar os jornais, que sabiam como se comunicar com a população de maneira que fosse mais atrativa. Um exemplo disso foi o contrato do jornalista Cid Moreira para apresentar o Jornal Nacional, que era transmitido antes da novela das oito. A contratação de Moreira não era simplesmente por seu talento na comunicação, mas por ser este jornalista considerado “um galã”. Além disso, o horário em que o jornal ia ao ar, antes da novela, agregava o público feminino na frente da TV. Inúmeras outras estratégias foram usadas a partir de 1960 para aperfeiçoar os telejornais, como a qualidade das imagens, textos dinâmicos e novos formatos inspirados na televisão estrangeira.²²

A importância da televisão e dos telejornais só foi aumentando no decorrer dos anos e rapidamente essa mídia se tornou a principal fonte de informação e entretenimento do país. Se aproveitando da ferramenta que tinham em mãos, os empresários do setor fizeram da televisão um instrumento de integração nacional.²³ Gonçalves Baracho afirma que esse caráter de integração nacional da televisão brasileira foi assegurado, segundo os princípios de Segurança Nacional, pelo governo militar. Ou seja, os militares viam na televisão a oportunidade de unificar, ditar, os costumes, gostos, cultura e opinião pública.

O Brasil passou a ser, portanto, o país da telinha, representado por uma imagem idealizada de sociedade, que não mostrava a profunda desigualdade social, cultural e econômica de seu povo. Desse país, da telinha, questões fundamentais passavam longe ou assumiam formas amenizadas.²⁴

Percebendo a importância dessa mídia para a influência na formação de opinião e dessa forma controle da informação, o governo militar investiu nas redes de televisão, sendo a Rede Globo uma das principais emissoras beneficiadas por esse investimento e o Jornal Nacional um dos frutos desse patrocínio. A Rede Globo viveu um momento de ascensão muito grande neste

²¹ Ibid., p.04.

²² Idem, ibid.

²³ GONÇALVES BARACHO, Op. Cit., p.05.

²⁴ Idem, ibid.

período, por conta da audiência dos seus telejornais e aumento das publicidades. Porém, com a rígida censura que a imprensa e, nesse caso a televisão, vivenciou não era toda notícia que poderia ser falada nos jornais e, por isso, as emissoras que tinham telejornais nas suas programações eram “forçadas a ocupar a falta de notícias com programas de entretenimento, a exemplo da Rede Globo. Por não ter liberdade para a produção das notícias, o jornalismo brasileiro estava perdendo o contato com a realidade brasileira.”²⁵

Com essa falta de contato dos telejornais com a realidade brasileira, as novelas ocuparam um importante papel de identificação e de sedução aos olhos da massa, mostrando a realidade brasileira de uma outra forma.²⁶

É realmente incrível como, nos anos 1970, enquanto o telejornalismo divulgava uma narrativa rigorosamente ficcional, poucas pílulas de real eram admitidas na televisão pela porta das obras ficcionais. Enquanto os locutores dos noticiários, acuados pela censura oficial, mas não apenas por isso, falavam em barítono uníssono sobre os grandes progressos do “país que vai pra frente”, as arestas da realidade social, ainda que em relatos abrandados, entravam nos diálogos da telenovela.²⁷

Um dos pontos principais sobre a discussão da televisão brasileira e que é impossível não mencionar quando se discute o tema é sobre o monopólio da Rede Globo. Gonçalves dedica-se em algumas páginas a analisar a influência da Globo na forma de se ver e fazer televisão no país. A autora trata sobre o ano de 1972 como emblemático para o surgimento do “padrão Globo de qualidade”, que servia como referência para as outras emissoras como a maneira certa de se fazer televisão. Esse padrão era usado para atingir o público popular, visando sempre a audiência. Pensando nisso, a Globo se preocupava em fazer com que a televisão chegasse a lugares mais distantes. Essa busca incessante pela audiência pode ser vista e entendida mais facilmente ao analisar a troca de direção da emissora em 1966, quando passou a ter o comando de Walter Clark,²⁸ que acreditava que a televisão brasileira deveria se fundamentar nos termos da indústria de propaganda.

Com a televisão sendo vista como a principal ferramenta de propaganda, as programações das emissoras passaram a ser pensadas estrategicamente, visando a ampliação da audiência, de forma que as propagandas tivessem mais engajamento, atingissem mais pessoas e, automaticamente, mais lucros para essas emissoras. É nessa busca pela audiência,

²⁵ MELLO, Op. Cit., p.06.

²⁶ BUCCI, Eugênio. Televisão brasileira e ditadura militar: tudo a ver com o que está aí até hoje. Rumores, v. 10, n. 20, p. 172-193, 2016.

²⁷ Ibid., p. 187.

²⁸ GONÇALVES BARACHO, Op. Cit., p.04.

pensando estrategicamente sempre em como atingir mais gente, que a televisão brasileira foi estabelecida na década de 1970 e persiste até hoje com esse mesmo modelo.

1.2. O uso do medo na programação

O lucro é extremamente importante para as emissoras de televisão e a melhor forma de se consegui-lo é através do aumento da audiência. Pensando nessa busca incessante por audiência para chegar a mais pessoas, de envolver a audiência na sua programação, as emissoras usam de diferentes ferramentas e mecanismos. Uma das estratégias é adicionar na sua programação assuntos do momento, de interesse da população e que esteja sendo comentado diariamente, como, por exemplo, artistas “do momento” para participar de algum dos seus programas. Porém, uma ferramenta muito usada, mas tão naturalizada que as pessoas acabam não percebendo, é o medo. Pode soar diferente falar que a televisão usa o medo, algo que na teoria ninguém gosta de sentir, para conseguir audiência. Porém, inúmeras redes de televisão fazem isso na televisão comercial aberta, mas a que vimos com mais frequência é a Record TV.

Um dos “carros chefes” da Record TV, um dos programas de maior audiência, que frequentemente disputa o primeiro lugar da audiência com a TV Globo, é o *Cidade Alerta*, programa jornalístico presente na programação da emissora de segunda a sábado, a partir das 16h45, tendo como horário de término variando de acordo com o conteúdo e grade da emissora em cada estado brasileiro, mas chegando a encerrar às 19h55 em alguns estados. Ou seja, com quase 3 horas de programação, o *Cidade Alerta* é um verdadeiro exemplo de jornalismo espetáculo, muito conhecido por conta das suas matérias de crimes, apresentadas de maneira mais “informal”, usando até mesmo do humor e se destacando de outros jornais. Comentamos durante o capítulo sobre a importância de aproximar o jornal à massa popular e vemos isso neste jornal, que usa um vocabulário mais popular e linguagem coloquial para apresentar as informações do dia. Porém, ressaltamos que o programa, que irei abordar mais detalhadamente no próximo capítulo, é o de maior caráter sensacionalista da emissora e usa principalmente a morte como ferramenta para atrair a audiência. O tema da morte traz picos de audiência para a emissora.²⁹

²⁹ De acordo com a matéria da coluna da UOL, *Observatório da TV*, a morte do cantor conhecido como MC Kevin conquistou a melhor média de audiência do programa dos últimos 15 meses anteriores à transmissão da matéria. In: DRACZ, Juliana. Investigação sobre a morte de MC Kevin faz Cidade Alerta explodir na audiência. Observatório da TV. 2021. Disponível em: <<https://observatoriodatv.uol.com.br/audiencia-da-tv/investigacao-sobre-a-morte-de-mc-kevin-faz-cidade-alerta-explodir-na-audiencia>> . Acesso em: 29 de junho de 2022.

Jesús Martín Barbero e Germán Rey,³⁰ ao analisar a televisão na América, falam sobre o uso do medo e mídia.

Es en Colombia, quizá como en ningún otro país de la región, donde se ha hecho más visible la secreta complicidad entre medios y miedos. Tanto el atractivo como la incidencia de la televisión sobre la vida cotidiana tiene menos que ver con lo que en ella pasa que con lo que compele a las gentes a resguardarse en el espacio hogareño. Como escribí en otra parte: si la televisión atrae es porque la calle expulsa, es de los miedos que viven los medios.³¹

A televisão se beneficia do medo, pois mantendo a população em suas casas o consumo da sua programação aumenta. Dessa forma, é lucrativo para as emissoras, que na sua programação tenham programas que incentivem o medo, mesmo que as pessoas não percebam que esse seja o intuito. Retomando o foco do programa *Cidade Alerta*, percebemos o uso do medo na maioria de suas matérias, ao mostrarem as tragédias e horrores do dia a dia.

O medo é algo comum, que todos sentem, incomum mesmo é não sentir o medo. Porém, uns o sentem de maneira mais intensa que outros. Jean Delumeau, em uma de suas obras,³² estuda o medo no tempo histórico e resalta o caráter universal dele, presente por toda a existência humana e por ser tão presente, há, por outro lado, a necessidade da segurança. É através do medo, da insegurança, que também surge o sentimento de preservação, que muitas vezes nos protege contra os perigos, fazendo com que se gaste tempo e dinheiro em mecanismos de segurança. Em tempos de violência, as indústrias de segurança lucram mais que o comum. Segundo uma matéria de 2022, do site G1, ao entrevistar comerciantes do Rio de Janeiro perceberam que houve um aumento de 10% a mais, do mesmo período do ano anterior, nos gastos com segurança nos comércios do Rio, incluído nestes gastos “a contratação de vigilantes, equipamentos eletrônicos, grades, blindagens de portas, reforço de vitrines e seguro.”³³ Ou seja, não é só a televisão que lucra com o medo da população.

Voltando para a análise de Delumeau, outro efeito do medo e muito importante, que agrega muito para a nossa discussão, é a questão da “objetivação” do medo. Para enfatizar o efeito de objetivação do medo, Delumeau cita G. Delpierre:

³⁰ BARBERO, J. e Martín REY, Germán. Os exercícios de ver. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. SP: SENAC. 2004.

³¹ BARBERO; REY, Op.Cit., p. 29.

³² DELUMEAU, Jean. História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada. Tradução Maria Lucia Machado, tradução das notas Heloísa Jahn. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

³³ Pesquisa indica aumento no número de comerciantes assaltados no Rio; gastos com segurança subiram 5%. **G1**, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/05/12/pesquisa-indica-aumento-no-numero-de-comerciantes-assaltados-no-rio-gastos-com-seguranca-subiram-5percent.ghtml>> Acesso em: 29 de junho de 2022.

Um efeito do medo é a objetivação. Por exemplo, no medo da violência, o homem, ao invés de lançar-se à luta, ou fugir dela, satisfaz-se olhando-a de fora. Encontra prazer em escrever, ler, ouvir, contar histórias de batalhas. Assiste, com certa paixão às corridas perigosas, às lutas de boxe, às touradas. O instinto combativo deslocou-se para o objeto.³⁴

Ou seja, a população se interessa por assuntos que as amedrontam, adoram ler, assistir, ouvir histórias, sobre os temas mais macabros. Este aspecto se torna evidente ao analisar os números de audiência do *Cidade Alerta*, a população se interessa em ver matérias sobre a violência, matérias sobre a morte. Talvez pela sensação de segurança que sentem ao assistir a violência no conforto e segurança de casa, aliviados por ser o outro, e não ele, a vítima da situação.

Com o apoio desta ideia de objetivação do medo, do interesse da população pelas tragédias, analisaremos no próximo capítulo como se dá a representação e presença da morte nos telejornais brasileiros, visando sempre a audiência, pela estratégia do sensacionalismo nas suas matérias.

1.2.1. Cidade Alerta - Rede Record

O telejornal *Cidade Alerta* existe na Rede Record desde 1995 e contou com conhecidos jornalistas comandando o programa como o José Luiz Datena, que hoje em dia apresenta o *Brasil Urgente*, na Rede Bandeirantes, e Marcelo Luiz Rezende Fernandes, o principal nome que se pensa ao falar do *Cidade Alerta*. O telejornal é um dos principais carros chefes da emissora, sendo sucesso total em audiência, presente na programação da Record de segunda a sábado, ocupando a terceira posição dos telejornais mais assistidos no Brasil.³⁵

O nome do telejornal já exemplifica muito o intuito do programa “Cidade Alerta”, a rapidez e urgência nas informações é o conceito principal do jornal televisivo, que vai contra o os jornais investigativos que se atem muito à forma como vão passar as informações, não podendo ser feita superficial e incompleta. Porém, neste vemos que isso não acontece, já que o importante é estar em alerta e passar a informação primeiro que os concorrentes.

Aos olhos de estudiosos do tema, o principal do *Cidade Alerta*, que o diferencia dos outros telejornais, é a abordagem dos apresentadores, de Marcelo Rezende a Luiz Bacci, vemos as mesmas características na hora da transmissão. Excesso de dramatização, expressão

³⁴ DELPIERRE; DELUMEAU, Op. Cit., p.30.

³⁵ ROOKE, Caroline Natale Melquiades; SANDI, André Quiroga. Cidade Alerta: possíveis influências no comportamento da sociedade, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2015. p. 08.

corporal, facial, opiniões afiadas sobre os casos, “justiceiro” do povo que denuncia as injustiças, linguagem informal e muita improvisação na hora de manter a matéria por até mesmo mais de meia hora no intuito de segurar a audiência. Nada no programa é por acaso, seja na escolha dos apresentadores, no cenário, nos efeitos sonoros, até mesmo na escolha das cores que representam a logo e o design do programa.³⁶

Podemos perceber a utilização de cores mais quentes, como a vermelha, no Cidade Alerta, por se tratar de um programa com a temática policial e, conseqüentemente com a associação da cor vermelha com a violência, a urgência e o perigo. A utilização de cores dentro deste programa vai desde os tons e texturas do cenário, do figurino do apresentador, às cores e formas das vinhetas de abertura e encerramento do programa ou de seus blocos, do uso de gráficos, infográficos, legendas etc.³⁷

Os apresentadores são a chave principal do programa que faz com que o público se identifique, já que ele possui uma audiência muito fiel, sendo como público-alvo do programa a classe C “composta, hoje, de 91,8 milhões de brasileiros. Para a Fundação Getúlio Vargas, uma família é considerada de classe média (classe C) quando tem renda mensal entre R\$ 1.064 e R\$4.591.”³⁸ Por conta do público, percebemos o uso de uma linguagem informal, como gírias, já que fazem parte do cotidiano dessa classe, o que conversa muito com o que refletimos acerca da estratégia usada para tornar o jornal atrativo para esse grupo.

Os apresentadores se colocam em uma posição de justiceiros do povo, que defendem ferozmente as vítimas, denunciam negligências, já que o programa tem um espaço destinado a denúncias da audiência. Então os apresentadores são vistos por essa classe que é tão negligenciada, que sentem frequentemente o sentimento de abandono, como uma espécie de defensores que estão lá para defender os direitos dos pobres denunciando as injustiças, as falhas no sistema. O que ajuda na forma com que a audiência confie fielmente no programa, e não sinta a necessidade de questionar o conteúdo da programação.

O apresentador costuma encenar gestos agressivos diante das câmeras, mostrando-se irritado com alguns fatos, uma maneira de dar ênfase a determinadas notícias ou a comentários emitidos por ele, além de tentar mostrar aos telespectadores que ele também se indigna com os problemas sociais. No entanto, o seu comportamento agressivo é parte da estratégia retórica do programa, uma maneira de endereçamento comum do Cidade Alerta. O âncora explora o corpo como modalizador discursivo que contribui no texto verbal, e também a maneira de olhar

³⁶ MOTA, Itania Maria. Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo. Salvador: EDUFBA, 2011. 284p.

³⁷ Ibid., p. 125.

³⁸ BARCELLOS, Alice; FÉLIX, Láila; MENEGUELLI, Ana. Programa Cidade Alerta: processos de recepção dos telespectadores. Revista Científica Faesa, Vitória, ES, v. 13, n. 1, p. 14-17, 2017.

do apresentador, como tática para o estabelecimento do pacto entre ele e a sua audiência.³⁹

Os apresentadores são os personagens principais do programa, Rezende e Bacci, fundamentais para todo o sucesso que o telejornal tem. Ambos na hora de apresentar a matéria não poupam dramatização, opinião própria sobre o assunto, reproduzindo na maioria das vezes posições moralistas e conservadoras. Exemplo disso foi quando Marcelo Rezende chegou até mesmo a defender a pena de morte durante uma das transmissões.⁴⁰

Como já vimos até aqui, o poder de influência da televisão, a opinião desses jornalistas vistos pela audiência como uma figura respeitável é muito importante, e influencia a opinião do seu público fiel. Passemos a seguir a refletir sobre o uso do sensacionalismo como estratégias de atração do público.

³⁹ MOTA, Op. Cit., p. 129.

⁴⁰ Ibid., p. 147.

2 - A (in)visibilidade da morte nos telejornais

No capítulo anterior discutimos sobre o surgimento e consagração da televisão como uma das, senão a maior e mais influente, mídia de todos os tempos. Pudemos perceber o poder da televisão de influenciar a opinião pública, moldar e ditar modos de viver e da cultura de todo um país, através da análise da importância da televisão durante o período da ditadura militar, que foi um momento em que o governo investiu na televisão. Além disso, no final do capítulo relacionamos a televisão com a busca incessante pela audiência, que fez com que as emissoras passassem a se preocupar em primeiro lugar em como chamar atenção do público e depois com a qualidade de seu conteúdo. O medo é um artifício das redes de televisão, tanto para manter seu público amedrontado com a rua e, portanto, mais tempo na segurança de seu domicílio, consumindo sua programação, como também agradar essa mesma audiência como temas mais macabros, como a morte.

Um dos pontos principais citados no capítulo anterior e que discutiremos mais adiante neste capítulo é em relação ao uso e espetacularização da morte nos telejornais brasileiros, como por exemplo no jornal da Record TV, *Cidade Alerta*, cujo principal foco da sua programação é a exibição de crimes violentos, em que a maioria tem como consequência a morte. Na exibição das matérias que abordam os crimes diários, a morte sempre é representada com muita tristeza, com direito a filmagens do velório, o desespero dos familiares, chegando até mesmo a entrevistar a família da vítima no momento tão íntimo como a despedida do seu ente querido. A invasão na privacidade da família da vítima é comum e naturalizada, pouco problematizada, pois, é algo que supre a curiosidade do público, fazendo com que eles experiencie a morte através da experiência do outro.

Um dos casos mais marcantes que evidenciam a invasão de privacidade e a falta de respeito e empatia com a vítima e sua família, em busca da audiência, saciando a curiosidade do público, foi a matéria que foi ao ar em 2020.⁴¹ O *Cidade Alerta* estava cobrindo durante a semana toda o desaparecimento da vítima, uma jovem de 21 anos, sendo o principal suspeito o próprio namorado; durante a transmissão do programa no dia 17 de fevereiro, Luiz Bacci entra ao vivo para conversar com a mãe da vítima, afirmando que tinha notícias exclusivas sobre o

⁴¹ Mãe desmaia ao saber da morte da filha, ao vivo, no Cidade Alerta. UOL, 2020. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/imagem-e-som/noticia/2020/02/18/mae-desmaia-ao-saber-da-morte-da-filha-ao-vivo-no-cidade-alerta-400156.php>> Acesso em: 29 de junho de 2022.

caso e se ela estaria disposta a ouvir. Quando a mãe afirma querer saber a notícia “em primeira mão”, o advogado do namorado da jovem entra ao vivo e afirma que o seu cliente confessou a autoria do crime, anunciando ao vivo, sendo televisionado a todo o país, que a filha dela foi assassinada. Após receber a notícia, a mãe da jovem desmaia e é socorrida pelos familiares presentes no local, a transmissão do momento continua por mais alguns segundos, mostrando o desespero da mãe e, logo após isso, cortam a imagem e volta para Bacci que afirma que não sabia que ele tinha confessado o crime. O vídeo da reação da mãe, que desmaia com a notícia, sendo amparada pelos familiares, repercutiu por toda a internet, fazendo que esse público não aceitasse bem essa abordagem do telejornal, criticando o uso do sofrimento do outro e a falta de sensibilidade em um momento tão delicado. Esse caso é um dos mais extremos, que evidenciam a espetacularização da morte nos telejornais brasileiros, que banalizam o sofrimento e a morte, em troca de audiência.

Este capítulo está dividido em dois momentos: o primeiro aborda o distanciamento da morte no dia a dia da população e a aproximação da mídia com o tema, evidenciando uma grande contradição, e no segundo momento falaremos sobre o sensacionalismo nos telejornais. Neste segundo momento serão expostas também os três tipos de morte que estão mais presentes nos telejornais, suas similaridades e diferenças, a fim de problematizar a questão social sobre a narrativa apresentada em algumas mortes, como a questão do feminicídio. Para enriquecer a nossa discussão, serão usados como base teórica quatro artigos de diferentes autores, três deles retirados do mesmo livro,⁴² todos abordando de diferentes formas a presença da morte na mídia. Além deste, usarei ainda algumas reflexões do importante historiador francês Philippe Ariès.⁴³

2.1. A contradição entre o distanciamento e aproximação da morte

O tema “morte” é um tabu para os brasileiros, dificilmente encontra-se o assunto sendo discutido de maneira natural nas rodas de conversas informais. Quando se fala sobre ela é sempre carregado de uma narrativa macabra, triste, trágica ou até mesmo nostálgica e quando se foge dessa narrativa ela não é vista com bons olhos, como se fosse algo que desrespeitasse a morte. O afastamento da morte na convivência diária da população é percebido quando se analisa a trajetória dela na sociedade. Inúmeros estudiosos discutem sobre o tema e um dos principais nomes do estudo, servindo de referência para estudos tanatológicos, é o historiador

⁴² MARTINS, Moisés de Lemos; CORREIA, Maria da Luz; VAZ, Paulo Bernardo; ANTUNES, Elton. Figurações da morte nos mídia e na cultura: entre o estranho e o familiar. Braga: CECS, 2016.

⁴³ ARIÈS, Philippe. História da Morte no Ocidente. São Paulo: Saraiva, 2012.

Philippe Ariès. O autor expõe como esse afastamento da sociedade com a morte pode ser observado através dos anos.

O jornalista Rodrigo Portari analisa em seu artigo⁴⁴ a presença da morte no jornalismo brasileiro e usa Ariès como base teórica para discutir o assunto. Logo no início da discussão, para introduzir o tema, o autor aborda o afastamento da morte no cotidiano da sociedade, usando como exemplo o distanciamento da morte a partir da Idade Média, que por questões sanitárias “passa a ser afastada do convívio com os homens e o contato com o cadáver passa a tornar uma pessoa “impura” ou, em outras palavras, passível de se contaminar com as mais variadas doenças.”⁴⁵

Philippe Ariès, para contextualizar o distanciamento da morte nos leva à Idade Média até os dias atuais. O francês, ao falar sobre o século XVIII e o papel da família e amigos na escritura do testamento, reflete sobre como o quarto do doente era um local público,⁴⁶ a família toda tinha contato com o moribundo durante seus últimos momentos de vida, do mais velho ao mais novo. Este contato fazia com que eles tivessem a convivência direta com a morte, os obrigando a falar e experienciá-la dentro da sua própria casa. Fazia também com que a dor do moribundo fosse compartilhada com a família, recebendo o apoio e dividindo o sofrimento, ele não enfrentava a morte sozinho, a enfrentava ao lado de seus entes queridos.

O autor continua a refletir sobre a questão do testamento e a participação da família no século XVIII e relata que antes da família participar tão diretamente da morte, no século XVII o homem ficava só, enfrentando a morte sozinho e cuidando só dessas “burocracias”. Afirma o autor: “A solidão do homem diante da morte é o espaço onde ele toma consciência de sua individualidade e as cláusulas piedosas do testamento são os meios de salvar esta individualidade da destruição temporal e de desenvolvê-la no Além.”⁴⁷

Os rituais fúnebres e o contato direto com a morte por muito tempo não incomodaram a sociedade medieval. Porém, Ariès relata que a partir de meados do século XVIII o morto passou a incomodar e ser tornar problemático,⁴⁸ principalmente por questões sanitárias. Os corpos eram enterrados por questão religiosa nas igrejas, ou em seu redor, levando em consideração claro que a forma de tratar o corpo também dependia da classe social e os mais pobres não recebiam o mesmo cuidado. Com os corpos sendo enterrados tão próximo ao

⁴⁴ PORTARI, Rodrigo. A morte e o jornalismo nosso de cada dia, In: MARTINS, Moisés de Lemos; CORREIA, Maria da Luz; VAZ, Paulo Bernardo; ANTUNES, Elton. Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar. Braga: CECS, 2016.

⁴⁵ Ibid., p.89.

⁴⁶ ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 177.

⁴⁷ Ibid., p. 180.

⁴⁸ Ibid., p. 188.

contato humano, a opinião pública começou a problematizar a situação se antes, por motivos religiosos, era tão importante que o morto fosse enterrado próximo a igreja, a partir do século XVIII isso mudou, e por questão sanitária e com o apoio de médicos e cientistas, que alertavam sobre o perigo do corpo ser enterrado tão próximo ao convívio humano, a preferência era que ele fosse enterrado o mais distante possível e os rituais fúnebres se tornaram mais rápidos e simples.

Um sentimento domina essa abundante literatura de memoriais, manifestos e relatórios: ainda não se trata exatamente do escândalo diante da indecência de uma excessiva familiaridade entre vivos e mortos, diante da falta de respeito para com os mortos, se bem que este sentimento estivesse presente, dissimulado. Trata-se, antes de tudo, do horror e do medo dos corpos decompostos, de sua temível química.⁴⁹

O afastamento da sociedade com a morte não se deu apenas no *post mortem*, esse distanciamento se deu também com os avanços científicos e tecnológicos, com o surgimento de hospitais e o ambiente do moribundo deixou de ser dentro do seu lar e foi transferido para a segurança dos hospitais e para o cuidado dos profissionais. Com isso, a morte como algo coletivo, com a participação de familiares e amigos, foi se tornando mais fora da realidade cotidiana e o doente passou a se tornar cada vez mais sozinho nesse momento, que se tornou “apenas mais um” dentro do hospital, longe dos seus entes, enfrentando a morte e a solidão.

Hoje, nos hospitais e clínicas em particular, não há mais comunicação com o moribundo. Ele não é mais escutado como um ser racional, é apenas observado como um caso clínico, isolado, na medida do possível, como um mau exemplo, e tratado como uma criança irresponsável cuja palavra não tem sentido ou autoridade. Sem dúvida, ele se beneficia de uma assistência técnica mais eficaz que a companhia cansativa de parentes e vizinhos. Mas tornou -se, ainda que bem-cuidado e por muito tempo conservado vivo, uma coisa solitária e humilhada.⁵⁰

Essa solidão no leito de morte que o paciente enfrenta é muito comum, porém é importante citar que a família também enfrenta essa solidão, atualmente “vigora o pensamento de que é necessário ser feliz e assim não se deve importunar os demais membros da sociedade com a morte, que é algo triste e doloroso”.⁵¹ Com isso, a dor de enfrentar a morte é solitária e

⁴⁹ Ibid., p.193.

⁵⁰ Ibid., p. 273.

⁵¹ SHEIKHA REDU, Natália; NEGRINI, Michele. A morte no jornalismo: o olhar de jornalistas e de advogados sobre a apresentação do caso Bernardo no Jornal Nacional. In: Razón y Palabra, vol. 20, núm. 94. Quito, Equador: Universidad de los Hemisferios, 2016.

silenciosa, se antes ela era coletiva, com a participação de diferentes membros da sociedade, hoje ela é privada.

A tendência era o afastamento da morte no cotidiano da população, que pouco se falava e que cada dia que passava se tornava um tabu cada vez maior. Não podemos dizer o mesmo sobre o contato entre a morte e a mídia, que se mostrava muito interessada em relatar detalhes sobre a morte, e em especial as mortes violentas. Os relatos detalhados de homicídios se tornaram parte do cotidiano da população, através dos jornais e telejornais, a sociedade se mostrou interessada nesse tipo de matéria, talvez por ser o lugar onde a morte não era “escondida”, sendo através desses veículos o maior contato da sociedade com o tema. Por conta disso é tão importante estudar esses veículos e analisar de que forma a morte está fazendo parte do dia a dia dos brasileiros.

Rodrigo Portari, refletindo sobre a representação da morte no jornalismo brasileiro, alerta sobre a tendência de espetacularização da morte e, automaticamente, banalização da vida.⁵² A morte passa a se tornar assunto frequente na imprensa, os leitores ou telespectadores, abrem/ligam o jornal, já sabendo o que vão encontrar. A imprensa explora os crimes violentos, mortes, fazendo com que, de certa forma, o assunto se torne parte do dia a dia da população, a diferença é que o assunto pode ser “instantaneamente descartado com o simples virar de página ou direcionando o olhar um pouco mais à direita, onde a efervescência de uma mulher seminua está à disposição como um contraponto a essa ‘dor’”.⁵³

Dessa forma a morte está ali visível no cotidiano da população, porém, ela não está presente como um conteúdo para se refletir sobre o tema, ela está chegando aos telespectadores de forma sensacionalista, visando a audiência, e que o único sentimento que o público terá após o contato com a matéria é o medo. Medo da violência, medo da rua, medo de determinados bairros, medo de pessoas e, principalmente, o medo de morrer.

Portanto, para concluir essa primeira parte do capítulo, o importante a se refletir após essa breve exposição, e que nos servirá de base para ao decorrer da reflexão, é que durante a história se observa no ocidente um distanciamento da sociedade com a morte, que antes era parte direta do cotidiano familiar, no contato e cuidado do moribundo. Porém, ao decorrer dos avanços científicos, e por questões sanitárias, esse contato foi se diminuindo, e a morte foi se tornando cada vez mais triste e solitária. Atualmente percebemos que a morte está cada vez mais distante do nosso cotidiano e que um dos principais meios que possibilita a população a

⁵² PORTARI, Rodrigo. Op. Cit., p. 98.

⁵³ Ibid., p. 107.

ter o contato com ela é através da mídia, que é vista como uma ponte entre a população e a morte, saciando a curiosidade sobre o tema, tão pouco falado no cotidiano e explorando as representações e interesse da população pela tão temida morte.

2.2. Os telejornais e o sensacionalismo

Exploraremos a seguir as três formas de morte mais encontradas no telejornalismo, quais são suas diferenças e similaridades. Além disso, falaremos também sobre a invisibilidade de certas vozes nas matérias, como por exemplo o silenciamento das mulheres vítimas do feminicídio e a presença do preconceito quando se percebe os principais bairros, pessoas, que são expostas no conteúdo desses telejornais.

Romulo Tondo e Michele Negrini⁵⁴ estudam a questão do sensacionalismo e espetacularização presentes nos telejornais e expõem o caráter híbrido nos jornais televisivos, que mesclam dramaturgia e jornalismo em um mesmo programa no intuito de chamar atenção do seu público-alvo “o espetáculo apodera-se de forma crescente do espaço televisivo e o tempo que poderia ser destinado à apresentação de conteúdos informativos é ocupado com a demonstração de verdadeiros shows.”⁵⁵

Já falamos sobre como os telejornais foram se transformando, se adaptando no intuito de se tornarem atrativos para o seu público-alvo e esse caráter híbrido de misturar dramaturgia e jornalismo é uma das consequências. No intuito de chamar atenção, os apresentadores destes telejornais sensacionalistas abusam da atuação e drama na hora de apresentar as notícias, realmente, como dizem os autores, viraram verdadeiros shows, com direito a muita expressão facial e corporal. O que interessa é ser atrativo, o objeto de exploração desses telejornais são as emoções do seu público e eles fazem de tudo para conseguir mexer com elas chegando até mesmo a dar a notícia do assassinato da filha para uma mãe desesperada ao vivo. A vida das pessoas é banalizada, junto com o sofrimento e a dor, elas viram personagens do show.

Um exemplo que foge um pouco dos telejornais especializados em crimes, mas que agrega na visualização da banalização da vida e do sofrimento das pessoas são os “programas de fofocas”, presentes em quase todas as emissoras de televisão abertas. A maioria dos programas de fofocas são comandados por jornalistas e percebemos também como as pessoas, que nesse caso são pessoas famosas, também não passam de peças para o sensacionalismo em

⁵⁴ TONDO, Romulo; NEGRINI, Michele. Espetacularização e sensacionalismo: Reflexões sobre o jornalismo televisivo. In: Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade Positivo PR. 2009.

⁵⁵ Ibid., p. 02.

busca da audiência. “A exploração da exposição das intimidades tem tomado conta da programação de veículos de comunicação. As cenas da vida humana são levadas ao gosto coletivo e disseminam um jornalismo na forma de entretenimento.”⁵⁶ Esses programas expõem a intimidade das personalidades conhecidas pelo público, invadem momentos delicados da vida de famosos, criticam, sem saber a influência que isso terá na vida do mesmo, tudo em busca da audiência.

Edgar Morin (1997) diz que o poder industrial, que no início do século XX estendeu-se por todo globo terrestre, apresentou ao homem uma segunda industrialização, que passa a ser a industrialização do espírito, e uma segunda colonização, que passa a ser a colonização da alma, e, através delas, bens como a cultura e a vida privada entram em um circuito comercial e industrial. Detalhes da vida privada são expostos e vendidos diariamente como bens simbólicos e culturais.⁵⁷

Os telejornais que analisaremos aqui são jornais investigativos, que expõem crimes e debatem sobre eles, portanto eles são diferentes dos jornais convencionais e na teoria deveriam seguir uma série de cuidados na hora de expor a notícia, seja na quantidade de detalhes expostos, no cuidado e sensibilidade com os envolvidos e, principalmente na escolha da fonte confirmando a veracidade dos fatos.⁵⁸ Na prática não vemos isso em muitos desses telejornais, que não tem sensibilidade com os envolvidos, não se importam com a fonte, e o único que importa é quem vai dar “furo de notícia”, expondo muitas vezes de forma superficial e incompleta notícias sérias, no intuito apenas de ser o primeiro jornal a noticiar, indo até mesmo contra o código de ética da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) que afirma que, “Já no Capítulo II, Art. 12 descrito como “Da responsabilidade profissional do jornalista”, o jornalista deve “tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar” e rejeitar as alterações das imagens captadas que venham a deturpar a realidade.”⁵⁹

Após entrevistar um psicólogo e discutir sobre a influência dos telejornais, neste caso falando especificamente do *Cidade Alerta*, Rooke e Sandi afirmam que os telejornais podem influenciar no desenvolvimento de medos e fobias na sua audiência, induzindo os mesmos a terem frequentes pensamentos pessimistas, acreditando que algo ruim vai acontecer a qualquer momento.

A diferença entre o jornalismo convencional do investigativo aponta critérios de exposição e divulgação do conteúdo, podendo direcionar a forma como o fato é exposto ao telespectador, influenciando no seu comportamento de acordo com os critérios de investigação declarados pelo repórter. A medida que o repórter investigativo relata algo sobre

⁵⁶ Ibid., p 05.

⁵⁷ Ibid., p 06.

⁵⁸ ROOKE, SANDI, Op. Cit., p.02.

⁵⁹ Ibid., p. 04.

um fato, este expõe suas influências e percepção de julgamento. Através dessa atribuição é possível estimular o comportamento, nas reações diversas, como no estímulo a induções de comportamento, fobias, desconfiança, dentre outros.⁶⁰

É muito interessante essa citação anterior sobre a influência do jornalismo investigativo na indução de comportamento, fobias e desconfiança, já que a maior parte das matérias nestes programas envolvem crimes, violência e morte. A pessoa que consome esse tipo de conteúdo com muita frequência acaba se tornando paranoica, acredita que algo vai acontecer com ela a qualquer momento, pois já que ela se reconhece nas vítimas, o contexto social é o mesmo, por isso ela acredita que poderia ser ela naquela situação. A morte é um tabu no Brasil, algo que todos temem, pouco debatido e refletido. A fobia da morte acaba se intensificando, fazendo com que tema ainda mais o assunto.

A fobia pode ser gerada por um medo já existente dentro do indivíduo. A partir do momento em que, esse medo é alimentado, com repetições em afirmações, não verídicas, isso pode fazer com que o conceito apresentado se cristalize como verdade, alimentando o medo e gerando a fobia. O processo de fobia tem um ciclo.⁶¹

Agora que já vimos sobre como o sensacionalismo e espetacularização atuam nos telejornais que banalizam a vida humana que se torna objeto de exploração em busca da audiência, e a influência disso como por exemplo na indução a fobias e medos afetando diretamente na vida da audiência que passam a temer mais que o necessário situações que muitas vezes fogem do controle do homem, veremos agora um pouco sobre a exposição excessiva da morte.

2.3. A morte nos telejornais

Trataremos nesta seção sobre a forma como as mortes são expostas nos jornais televisivos, sendo divididas por três tipos: as mortes causadas por desastres naturais, a morte de famosos e por último as mortes violentas.

Um dos tipos de representação da morte que tem espaço nos telejornais brasileiros são as mortes causadas por desastres naturais, como chuvas, que tem como consequência a enchentes e desabamentos, que por conta disso muitas vidas brasileiras foram perdidas. Esse tipo de representação recebe uma grande atenção da imprensa e quando acontece algum desastre deste tipo os telejornais fazem a cobertura completa. Normalmente a cobertura de

⁶⁰ Ibid., p. 04.

⁶¹ Ibid., p. 10.

casos como esses tem direito até a helicópteros sobrevoando o local, acompanhando ao vivo o trabalho de bombeiros à procura de sobreviventes. Além disso, as coberturas podem chegar a ficar por dias sendo parte da programação do jornal, começando com a cobertura do resgate, entrevistas dramáticas com os familiares das vítimas e, dependendo do retorno do público, podem até acompanhar com filmagens ao vivo do velório das vítimas. Casos como o do rompimento da barragem em Mariana que deixou 19 mortos ou o caso da barragem de Brumadinho que infelizmente tirou a vida de 270 pessoas, por conta da gravidade da situação, recebeu grande atenção da imprensa.

Este tipo de morte que tem como causa os desastres naturais assustam a população, fazendo-a pensar em como somos pequenos em relação à natureza, e mais uma vez o foco desse tipo de reportagem não é a morte em si, e sim a natureza, a causa do desabamento, e a reflexão passa a ser as questões naturais, na busca por culpados e a tristeza da família das vítimas.

O segundo tipo de representação da morte nos telejornais é uma das poucas vezes que a morte natural, sem ter como causa desastres naturais ou violência, pode ganhar espaço na mídia, que é a morte de famosos. A morte natural de desconhecidos não ganha espaço na imprensa pois não é atrativo, não gera a curiosidade, o impacto não é o mesmo, a única forma de aparecer nos telejornais é através do falecimento de personalidades conhecidas pelo público popular. Portanto, quando acontece a morte de algum famoso a cobertura é completa, os jornais se dedicam a relatar com o máximo de detalhes possíveis para saciar a curiosidade do seu público.

Um exemplo recente de como os telejornais cobrem esse tipo de matéria é o falecimento da cantora Marília Mendonça, que foi uma personalidade muito amada pelos brasileiros, por ter sido tão inesperado o falecimento, causado pela queda do avião em que a cantora estava em Minas Gerais, gerou um impacto muito grande nos brasileiros, todo tipo de mídia estava cobrindo, nas redes sociais e, principalmente, nos telejornais. Logo que começaram a sair os rumores da queda do avião as notícias corriam, curiosos iam até o local com os seus celulares, filmando os escombros do avião, o que logo fez com que os jornalistas fossem também ao local. Durante a programação fizeram a cobertura ao vivo do resgate, mostrando o trabalho dos bombeiros e a busca pelos corpos. Quando foi confirmado o falecimento de Mendonça a cobertura não parou por aí, o velório, que aconteceu no dia seguinte, contou com a cobertura completa filmando todo o processo da despedida dos familiares, amigos e dos fãs, que fizeram fila para se despedir do seu ídolo.

Uma das coisas mais chocantes da cobertura do velório de Marília Mendonça, acompanhado pelos brasileiros que, mesmo longe de Goiás, onde aconteceu o evento,

conseguiram acompanhar, é que passaram a julgar o luto dos familiares, como se tivesse uma única maneira de viver a perda. Como os brasileiros estão acostumados a sempre verem a morte e o luto com muito drama, ao analisar a despedida da família, julgaram que alguns não estavam chorando o bastante.⁶² Essa visão de que a morte respeitada é a que tem muito choro e lamentações envolvidas e que se foge disso é algo desrespeitoso é algo comum no Brasil, motivo pelo qual a profissão das carpideiras existia, mulheres contratadas para chorar em enterros. Isso não é recente no Brasil, o autor William Bittar ao estudar os cemitérios no Brasil,⁶³ afirma que um viajante no período do Brasil Imperial relatou a presença das carpideiras nos velórios.⁶⁴

A cobertura da morte de famosos não se encerra após o velório, durante dias as programações de diferentes canais continuam noticiando o caso, com homenagens, entrevistas dos familiares e amigos e, mais uma vez, o foco da notícia não é a morte em si, as pessoas estão mais preocupadas em pensar sobre como foi imprevisível, trágico, triste, ou até mesmo mais preocupados com fofocas sobre o luto dos familiares.

A terceira e última representação da morte é a mais comum, que está presente todos os dias nos telejornais, que só diferencia a abordagem de um para o outro, são as mortes violentas. Esse tipo de morte pode ter como causa assalto, estupro, violência doméstica e outros crimes violentos e é o tipo de notícia que mais interessa ao público popular, por conta do seu impacto ser o maior. Por isso, percebemos que os telejornais se aproveitam desse interesse dos telespectadores e explora o tema, noticiando diariamente a morte das vítimas destes crimes.

A abordagem dos telejornais com esse tipo de morte é fazer com que os telespectadores se identifiquem com a vítimas, mostrando de que bairro ela é, entrevistas dramáticas com as famílias que dizem um pouco sobre a personalidade da vítima, como ela era no dia a dia, para que a notícia seja ainda mais impactante. Dessa forma, o telespectador se coloca no lugar da vítima e da família, sabendo que isso poderia acontecer com eles, poderia ser eles a vítima do assalto, da violência, fazendo com que eles vivam a morte através do sofrimento de estranhos.⁶⁵

Para uma certa tradição de noticiar a morte vale mais detalhar estatísticas de mortes do que, ao menos tangencialmente, discutir seus sentidos sociais, morais e éticos. Em sentido social, morre-

⁶² Maiara é criticada após velório de Marília Mendonça e Maraisa sai em defesa: “Minha irmã é fod*!”. UOL, 2021. Disponível em: <<https://anamaria.uol.com.br/noticias/famosos/maiara-e-criticada-apos-velorio-de-marilia-mendonca-e-maraisa-sai-em-defesa-minha-irma-e-fod.phtml>> Acesso em: 29 de junho, de 2022.

⁶³ BITTAR, William Seba Mallmann. Da morte, de velórios e de cemitérios no Brasil. Paisagens Híbridas, v. 1, n. 1, p. 178-205.

⁶⁴ Ibid., p. 188.

⁶⁵ CARVALHO, Carlos Alberto. Crimes de proximidade em coberturas jornalísticas: de que morte tratamos? In: MARTINS, Moisés de Lemos; CORREIA, Maria da Luz; VAZ, Paulo Bernardo; ANTUNES, Elton. Figurações da morte nos mídia e na cultura: entre o estranho e o familiar. Braga: CECS, 2016.

se duplamente: pelo perecimento e pelo esquecimento. Em outras palavras, a morte continua a nos desafiar culturalmente e investigar sua visibilidade/invisibilidade propiciada pelas mídias – especialmente as jornalísticas – requer cuidados teóricos e metodológicos.⁶⁶

Mesmo com essa intenção dos telejornais de que os seus telespectadores se identifiquem com a vítima, em algumas vezes dando nomes, mostrando fotos, a intenção não é honrar a memória da pessoa, na verdade o elemento mais importante da notícia é a causa da morte, como a pessoa morreu, qual foi o tipo de violência que ela foi vítima. Por isso essas matérias são tão ricas em detalhes, para que o elemento do impacto seja maior, para que o telespectador pense “eu ando nesse bairro, poderia ser eu”, “eu tenho um relacionamento conturbado, poderia ser eu”. Dessa forma a vítima pouco importa, a memória dos que se foram não é honrada, as reflexões não são sobre a morte, o importante é a causa da morte, a violência que ela foi vítima.

Porém, percebemos como o silêncio de determinadas vítimas é maior que os de outras, as mulheres vítimas do feminicídio são cada vez mais silenciadas, as notícias sobre esse tipo de homicídio passaram a se tornar tão comuns que, de certa forma, a morte de mulheres vítimas de violência doméstica passou a ser naturalizada e pouco problematizada.

Se narrar a morte tem sido um dos problemas mais intrigantes de nossas sociedades, levando, não raro, à recusa de narrá-la em todas as suas dimensões, estamos, quando no universo das mortes provocadas por relações de gênero, diante do desafio de desnaturalizar as causas desse morrer.⁶⁷

Diariamente nos telejornais são inúmeros os casos de mortes violentas de mulheres e a presença delas no cotidiano da população, tornando notícia tão natural, que recebem com muita frequência, influência na banalização do morrer, dessa forma um desafio muito atual é desnaturalizar esses crimes. Junto com isso, outro problema existente nestas matérias é o de culpabilizar as próprias vítimas pelo crime, reforçando na narrativa informações como o tipo de roupa que ela estava usando, a companhia e o local que a vítima estava reafirmando os valores machistas e sexistas na sociedade brasileira⁶⁸.

Essas narrativas em telejornais que representam a morte de uma maneira violenta também reforçam preconceitos e discriminação. Percebemos isso ao notar que a maioria dos

⁶⁶ Ibid., p.35.

⁶⁷ Ibid., p. 45.

⁶⁸ VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; BIONDI, Angie Gomes. Silêncio visual e gritos verbais nas narrativas jornalísticas do feminicídio. In: MARTINS, Moisés de Lemos; CORREIA, Maria da Luz; VAZ, Paulo Bernardo; ANTUNES, Elton. Figurações da morte nos mídia e na cultura: entre o estranho e o familiar. Braga: CECS, 2016.

crimes anunciados em telejornais sensacionalistas aconteceram em áreas menos favorecidas, tendo como vítima e autor do crime pessoas de baixa renda, reafirmando estereótipos de determinados bairros e comunidades e espetacularizando a violência diária vivida por esses grupos.

Como vimos ao decorrer desta última parte do capítulo, a população brasileira, que consome os telejornais diariamente, tem acesso apenas a esse tipo de representação de morte, ela como algo violento, triste, dramático e trágico, isso tem um impacto direto na forma com que essas pessoas irão lidar com ela quando tiverem que enfrentar por conta própria, não através do outro nas matérias dos telejornais. No próximo capítulo veremos um pouco mais sobre como os brasileiros lidam com a morte e também refletiremos sobre as diferenças culturais entre a forma de enfrentar a morte no Brasil e no México.

3- O Dia 02 de Novembro - uma comparação entre o Brasil e o México

No capítulo anterior abordamos a presença da morte no dia a dia da população brasileira, a partir da mediação da televisão. Ressaltando a contradição entre o contato com a morte no cotidiano e a ausência da mesma. A contradição se dá, pois, a morte está presente, os brasileiros ligam a televisão e ela vai estar lá representada de alguma forma, porém a morte em si não é o foco das matérias, e sim a forma pela qual a vítima foi morta. Por ainda ser considerado um tabu, a principal fonte de contato se dá através das notícias dos telejornais, que abordam o tema de forma sensacionalista, visando a audiência. Por esse motivo as mortes retratadas têm sempre algo em comum, a violência, tristeza e drama. O contato diário com essa forma de representação tem um impacto direto na forma como a população lida com o tema.

Após concluirmos que um dos principais contatos dos brasileiros com a morte se dá através da televisão, neste capítulo abordaremos o impacto dessa representação da morte na prática, analisando a permanência do drama, do trágico, da tristeza, da relação entre homem e morte no Brasil. Para fazermos essa análise “da prática” usaremos como exemplo o dia 02 de Novembro, conhecido como Dia de Finados, e analisaremos a forma como os brasileiros lidam com a memória do falecido neste dia tão delicado, trazendo para análise a Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA, cidade brasileira que se destaca pela forma com que se comemora o 02 de novembro e a importância política-econômica-social-religiosa que o Dia de Finados tem para a população. Neste momento do texto abordaremos também, o surgimento dos cemitérios a céu aberto, a monopolização da igreja e a hierarquização do morrer a partir da análise dos cemitérios no Brasil.

Porém, antes de entrarmos na questão do Brasil, analisaremos primeiramente o dia 02 de novembro no México, através do importante feriado tradicional mexicano, reconhecido em 2003 pela UNESCO como Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade, o Dia de Los Muertos. O Dia dos Mortos é conhecido mundialmente pelas festividades, cores, músicas, comidas típicas e, principalmente, pela homenagem àqueles que já partiram. Fugindo do ideal melancólico sobre a perda, comemorando de uma maneira irônica e até mesmo cômica a vida daqueles que já se foram decidindo recordar com carinho a passagem desses entes queridos, ao invés de sofrer com a partida. Além disso, para embasar a nossa discussão, analisaremos também a importância da Santa Morte para a população marginalizada no país e a representação sensacionalista da mídia sobre a “La Flaquita”.

3.1 - Primeiro contato com o Dia de Los Muertos

O Dia de Los Muertos no México sempre foi algo que me chamou muito a atenção, por ser algo muito diferente da minha experiência do dia 02 de novembro. Cresci em José Bonifácio, cidadezinha do interior de São Paulo, em um lar onde não conversamos sobre a morte. Sempre que o assunto surgia nas conversas, na maioria das vezes partia da minha curiosidade em saber algo sobre a morte dos meus avós. Por isso, o dia 02 de novembro nunca teve muita importância na minha vida, não entendia direito sobre o que o feriado se tratava. Quando criança sabia que era o dia que iríamos visitar o túmulo do meu avô, levávamos um vaso de flor, que durante todo o caminho escutava que não adiantava levar uma flor muito cara pois ela acabaria sendo roubada no próximo dia, e produtos de limpeza para lavarmos o túmulo. Não acontecia nenhum momento de reflexão, não conversávamos sobre o meu avô, não tinha um momento para honrar a memória dele, era tudo muito silencioso e rápido, chegávamos, lavávamos o túmulo, deixávamos as flores e íamos embora. Quando criança era um dia divertido, o único dia que frequentava o cemitério, era algo incomum para mim, por isso, mesmo com medo por ser algo muito estranho para mim, adorava ir e ficar olhando as lápides, lendo os epitáfios. Com esse olhar curioso entre as lápides, lembro até hoje da minha surpresa ao ver pela primeira vez o túmulo de uma criança. Inclusive, acredito que a partir desse momento, foi uma das primeiras vezes que contemplei sobre a morte, ao saber que uma criança, assim como eu, tinha falecido, me fez refletir sobre a possibilidade da morte. Acredito que se tivesse crescido em um lar onde a visita ao cemitério fosse algo frequente, o tema não fosse um tabu tão grande, essas reflexões em torno da morte também seriam algo recorrente.

Acredito que a minha experiência no dia 02 de novembro não é muito diferente da maioria das bonifacianos,⁶⁹ durante todos os anos que frequentei o cemitério neste dia sempre encontrei o local vazio, quando encontrava alguém, o roteiro era o mesmo, lavar o túmulo, deixar as flores e ir embora. Claro que provavelmente em outras famílias poderiam ter uma outra tradição, nem se for conversar sobre o ente querido, reviver a memória, mas para mim o dia era como um outro qualquer, que o único diferencial é que eu ia “passear” no cemitério. Por isso o primeiro contato com o Dia de Los Muertos foi algo tão marcante para mim, por ser algo muito diferente do que vivi por toda a minha vida.

⁶⁹ Relativo à cidade de José Bonifácio, cidade do Estado de São Paulo, ou o que é seu natural ou habitante.

O México foi um país que eu tive um certo contato desde muito nova, por conta do fenômeno mundial, RBD, grupo formado a partir da novela adolescente Rebelde. Por ter essa admiração pela banda, tive um contato superficial com a cultura mexicana, com a música, língua, culinária e quando “esbarrei” pela primeira vez com uma matéria jornalística sobre o Dia de Los Muertos me encantei de cara. Por ser uma forma de comemorar o dia 02 de novembro muito diferente da que eu sempre tive contato fiquei muito interessada no assunto. Durante minha trajetória na Universidade Federal de Uberlândia tive a oportunidade de estudar um pouco mais sobre o tema em uma das disciplinas ofertadas no curso, História da América I, ministrada pela professora Ana Paula Spini. O que percebi durante a pesquisa é em como os artigos e demais textos ao falar sobre o feriado, citavam brevemente o caráter sincretista da comemoração, evidenciando que é uma festa que uniu tradições católicas e indígenas, mas não tinha muita profundidade sobre a influência dos indígenas a essa tradição, ou quando tinha era sempre citado de forma superficial, sem ter um foco muito específico no assunto.

Por conta desse incômodo que senti, entendo a importância de iniciarmos essa parte do capítulo analisando o hibridismo cultural que envolve a comemoração, ressaltando a luta e a resistência indígena, dando os devidos valores, créditos e protagonismo a esse povo. Problematizando a respeito do processo de ressignificação da cultura indígena e de como esse povo e a influência do mesmo para a cultura local muitas vezes é negligenciada.

3.2 - Resistência e Ressignificação

Para iniciarmos a discussão acredito ser necessário introduzir a questão da idolatria e da importância dela para os povos indígenas originários do México no contexto do período colonial. O historiador Serge Gruzinski importante estudioso em questões latino-americanas, ao estudar o México colonial⁷⁰ aborda a importância da idolatria para os povos indígenas, que além de ser através delas que eles buscavam explicações para os acontecimentos do cotidiano, ela influenciava diretamente a forma de ver e de agir desses grupos.

A idolatria não só fornecia uma resposta para a desgraça biológica e social e a precariedade das condições de vida, como também, e mais ainda, incutia um modo de ver e de agir em contextos tão distintos e complementares quanto a ancestralidade, a produção e a reprodução, o corpo doente, o fogo doméstico, a vizinhança, os campos ou o espaço mais recuado do monte no qual se caçavam cervos e se coletava mel selvagem.⁷¹

⁷⁰ GRUZINSKI, Serge. A colonização do imaginário. Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol (séculos XVI-XVIII). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁷¹ Ibid., p.234.

Antes de mais nada é importante entender que essa idolatria, como Gruzinski retrata no trecho em destaque, é a forma de se expressar e de ver o mundo para esses povos, era o que eles acreditavam ser a realidade e era extremamente importante para vivência deles. Essas idolatrias existiam de diferentes maneiras, como através de rituais, cultos a deuses, maneiras de conviver e de entender o meio em que eles estavam inseridos, tudo se era explicado e entendido através dessas idolatrias, como por exemplo a forma com que viam e lidavam com a morte. Porém, no século XVI com a invasão dos espanhóis tentavam impor a sua própria cultura nesses povos, disseminando a ideia de que os costumes dos nativos não deveriam existir, usando de diferentes mecanismos para exterminar essas práticas.

Sérgio Gruzinski, em sua análise sobre a idolatria indígena e a importância dela para a vivência desse povo, relaciona essa idolatria à questão da resistência, ao falar sobre os desafios que esses povos viveram durante, e após a Conquista, para preservar os seus costumes. Os espanhóis tentavam de inúmeras maneiras exterminar os cultos e práticas pagãs, usando de diferentes táticas para o controle, como por exemplo os “visitadores”, párocos que investigavam os costumes dos indígenas, para tentar encontrar qualquer sinal de idolatria. Quando essa idolatria era encontrada, os colonizadores usavam diversas formas para barrar essas práticas, o autor destaca algumas dessas práticas, como por exemplo quando os cristãos queimavam os templos, em busca da aniquilação das práticas locais.⁷²

Além disso, usavam também e, principalmente, da catequização para tentar acabar com essas tradições, estabelecer práticas católicas e, através dela, impor a sua religião, usando desses “ensinamentos” para demonizar os cultos indígenas. A deusa da morte Mictecacihuatl e o seu companheiro Mictlantecuhltli, que abordaremos mais adiante do capítulo, eram do Satanás e, portanto, deveriam serem aniquilados. Esses religiosos davam “escolhas” aos indígenas, brincando com o imaginário desse povo “... a escolha entre a vida repugnante da idolatria e o caminho perfumado e florido aberto pelo batismo”⁷³. Causando um impacto da desorientação cultural, ao adentrar novos modelos para ser seguido, como destaca Gruzinski em sua obra. Porém, para o descontentamento dos colonizadores esse processo de aniquilação dessas práticas não foi tão fácil como imaginavam e a resistência desse povo se deu presente de diferentes formas. Veremos a seguir, tendo como base os estudos de Ronaldo Vainfas.⁷⁴

⁷² Ibid., p.229.

⁷³ Ibid., p.280.

⁷⁴ VAINFAS, Ronaldo. Idolatrias e milenarismo: a resistência indígena nas Américas. Estudos Históricos, São Paulo, 5, núm. 9 (1992).

Perseguida implacavelmente pelos vice-reis e arcebispos, identificada com pactos diabólicos ou, quando menos, com superstições pagãs, as idolatrias pareciam espalhadas por toda a América, a corroer, para desespero dos colonizadores, a ordem social e espiritual imposta pela conquista. Assim, se foram os europeus que rotularam de "idolatrias" as atitudes indígenas de apego às suas tradições - reiterando com isso o estigma judaico cristão lançado contra os "cultos gentios" - nem por isso se deve abandonar o uso daquela expressão que, de todo modo, encarnou a mais profunda resistência nativa à ação deletéria do colonialismo.⁷⁵

Esses povos resistiram e usavam de diferentes estratégias para resistir e manter os seus costumes, Gruzinski cita como exemplo a questão dos “cestos” onde os povos guardavam ídolos e objetos importantes no intuito de proteger os seus materiais valiosos dos europeus. Vainfas também estuda sobre a resistência desses povos e dedica parte de seu artigo diferenciando duas formas de resistência comum entre os povos indígenas no período colonial, sendo elas, a idolatria ajustada e a idolatria insurgente.

Existia a resistência mais “discreta”, as idolatrias ajustadas, onde os indígenas não desafiavam as autoridades na frente dos colonizadores e escondiam suas práticas quando estavam na presença dos espanhóis. Evitar suas práticas de idolatria na frente dos europeus não significava que eles abandonaram suas crenças, só exemplifica como o processo de extinguir os cultos era “bem-sucedido”. Os indígenas entendiam que suas práticas não eram aceitas, que eles poderiam sofrer violência física por manterem seus cultos, idolatrias e práticas, e na presença dos europeus, escondiam a permanência dessas idolatrias. Além dessa idolatria ajustada existia também a idolatria insurgente, que diferente da primeira, os indígenas tinham uma resistência mais “explícita” onde esses povos desafiavam as autoridades na frente dos espanhóis, buscando a defesa das suas práticas.

No polo oposto a essas formas ajustadas de resistência, tem-se as idolatrias insurgentes, marcadas antes de tudo pelo caráter sectário dos movimentos e pelo discurso hostil ao europeu, sobretudo à exploração colonial e ao cristianismo. Na dinâmica de tais idolatrias, organizadas em função da defesa das tradições ameaçadas pelo colonialismo, as atitudes de resistência oscilaram da "guerra imaginária" à luta armada⁷⁶

Independente da forma que essa resistência acontecia, é importante ressaltar a existência dela, os povos indígenas lutaram contra a imposição e resistiram, usando estratégias diferentes para manterem suas culturas e tradições vivas, em uma sociedade que a todo instante

⁷⁵ Ibid., p.30.

⁷⁶ Ibid., p.31.

renegava essas práticas, demonizando dizendo quão erradas elas eram, não poupando a violência física na hora de tentar exterminar essa cultura. Os espanhóis viram que esses métodos de catequização não estavam funcionando por completo, pois ao mesmo tempo que os indígenas seguiam algumas práticas católicas, eles também continuavam idolatrando os seus deuses, por isso a Igreja teve outro método para combater essas práticas, a ressignificação da cultura indígena, como por exemplo a questão da idolatria a Deus da morte citada anteriormente.

A tradição da celebração dos mortos, entretanto, permaneceu mais ou menos igual aos costumes originais dos diversos povos indígenas. Assim, a população deu destaque à festa do dia dos mortos, sendo parte do imaginário e da cultura popular mexicana, passando a ser vivida de maneira sincrética, misturando culturas indígenas e catolicismo popular. Esta festa é parte da resistência indígena, das raízes nativas das culturas Asteca e Maia e outras, destruídas, em grande parte, pelos colonizadores espanhóis.⁷⁷

Os indígenas tinham maneiras diferentes de enxergar a morte, variando de região para região, porém, de uma maneira geral, todos tinham um apelo diferente do ideal defendido pelo Cristianismo sobre como deveriam lidar com a morte, a considerando uma passagem para algo maior, por isso celebravam esse acontecimento com músicas e bebidas, ao invés de choro e lamentação. Os astecas que idolatravam a deusa da morte Mictecacihuatl e seu marido, Mictlantecuhli,⁷⁸ essa adoração aos deuses da morte não passou despercebido pelos espanhóis e eles proibiram a devoção a eles. Porém, como citamos nos parágrafos anteriores, os indígenas resistiram para preservar as suas culturas e os espanhóis, vendo que suas táticas para disseminar essa cultura não estavam funcionando, apropriaram-se desses símbolos e os ressignificam, forçando um artificial sincretismo religioso. Os europeus tomaram a imagem da deusa da morte idolatrada pelos astecas e a ressignificam, a, tirando todo o significado original indígena, trocando a sua aparência para algo que seria mais “aceitável” na cultura europeia.

Com a perseguição empreendida pelos conquistadores espanhóis em relação à religião indígena, os espanhóis tornaram clandestina a devoção ao casal asteca e forçaram o sincretismo da crença com o catolicismo. Assim, de acordo com essa versão, é a deusa Mictecacihuatl que ressurgiu publicamente no santuário de Dona Queta, em 2001. Sua túnica e vestido em estilo espanhol

⁷⁷ VILLASENOR, R.L. & Concone, M.H.V.B. (2012, agosto). A celebração da Morte no imaginário popular mexicano. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(4), “Finitude/Morte & Velhice”, p. 40. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

⁷⁸ CHESNUT, R. A. *Santa Morte, a Santa Esquelética no México e nos Estados Unidos*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 55, p. 195-217, jul./dez. 2011. Editora UFPR.

e seus acessórios europeus, a foice e as balanças de justiça são uma fachada que cobriria sua verdadeira identidade asteca.⁷⁹

Villasenor e Concone, estudando sobre a importância da celebração da morte para o imaginário mexicano, deixam claro a questão da ressignificação da cultura indígena em torno da morte, demonstrando como a Igreja intencionou tomar os cultos e rituais fúnebres, sem conseguir, entretanto, exterminar todos, ressignificando para que só assim esses costumes pudessem continuar existindo, sob um novo rito. Exemplo disso, além da ressignificação da Mictecacihuatl, foi tirar toda a especificidade das comemorações indígenas aos mortos e colocar junto ao Dia de Todos os Santos (01 de novembro), para que assim os indígenas idolatrassem todos os outros santos nesse mesmo dia. Dessa forma nos dias 01 e 02 de novembro forja-se um outro caráter de ritual religioso e aos poucos os ritos da morte e as missas católicas foram se unindo formando o feriado mais comemorado e tradicional no México. Hoje os rituais mexicanos da morte inserem-se até mesmo no turismo local, já que pessoas do mundo todo viajam para o México nesse período para comemorar a morte de uma maneira mais alegre, dando uma leveza para um assunto tão delicado e frequentemente doloroso para a maior parte da civilização ocidental.

3.3 - Dia de Los Muertos

Agora que já analisamos um pouco sobre a importante influência indígena na comemoração do dia dedicado aos mortos, iremos falar um pouco mais sobre o que acontece no dia, quais são as principais tradições, costumes e gastronomia. O Dia dos Mortos, como citado anteriormente, é tão importante para a cultura mexicana que inclusive em 2003 foi reconhecido como Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade pela UNESCO. O evento é muito importante para o México, não só para a identidade e cultura do país, sendo um feriado muito comemorado pelos mexicanos, mas também no viés econômico. Turistas do mundo todos vão para o México na época do feriado para experienciar uma festividade diferente da que vemos em muitos países na mesma data. Durante minhas pesquisas esbarrei com muitos vídeos nas redes sociais de turistas do mundo todo visitando o país nessa época e registrando detalhes da festa.

Sobre o dia em si é importante ressaltar primeiramente, para que não generalizemos, que existem diferentes formas de se comemorar a morte no México, variando de região por

⁷⁹ Ibid., p. 199.

região. A festa já é carregada de influência indígena, seja na questão principal do evento que é forma de celebrar os mortos, honrando a memória dos que já se foram, seja nos pratos típicos indígenas que se comem nesse dia. Quanto maior a quantidade de povos indígenas na região, maior a influência deles nessa comemoração.⁸⁰

Diferentemente do sóbrio Dia de Finados do Brasil, que é apenas dia 02 de novembro, o Dia dos Mortos no México é celebrado durante dois dias, em 01 e 02 de novembro, sendo esses dias repletos de muita festa e celebração da vida através da morte, marcado pelo caráter cômico na comemoração usando caveiras para representar todas as pessoas, inclusive crianças, e lembrar que no final todos vão morrer, incentivando a viver a vida e seus momentos. Além disso, há também menção aos quatro elementos naturais para dar um significado alegre à festa, sendo eles a terra, simbolizada pelas flores, a água citada através das taças com qualquer líquido, o fogo sendo simbolizado pelas velas e incensos e por fim, o vento que é representado pelo movimento dos papéis picados que enfeitam a festa. Os mexicanos usam dessa data para também protestar e fazerem críticas políticas, por meio de caveiras com nomes de políticos, lembrando que a morte não escolhe classe e que ninguém está livre dela.

Como o dia é principalmente para lembrar dos entes queridos que já não estão nesse plano, dia 01 e 02 de novembro são marcados pelas oferendas aos mortos, muita festa e música, elaboram altares com fotos e objetos pessoais dessas pessoas, comidas favoritas dos falecidos, levam comidas típicas, de influência indígena, como o *tamales*, prato tradicional da culinária asteca.

Julia B. Alves abordando na sua pesquisa sobre hibridismo cultural típico do Dia dos Mortos observa as diferentes formas de comemoração dos povos indígenas da região Sul do México, fazendo uma análise entre as diferenças e similaridades das comemorações de diferentes povos. A autora afirma que os povos totonacas, nahuas, otomis e choles dedicam comemorações aos mortos em dias diferentes, variando de acordo com a forma ou a idade com que morreram os entes queridos. Entre os nahuas, por exemplo, o episódio é marcado pelo dia que “recebem” as almas das crianças. no dia 31 de outubro, e as dos adultos, no dia 01 de novembro, seguido das almas solitárias, de quem não tem quem reze por elas, como os órfãos e os criminosos. No dia 01, de acordo com a autora, se celebra também, em grande parte do país, as almas das crianças que já se foram e no dia 02 as dos adultos. A autora relata também que os diferentes rituais astecas variam de acordo com a causa da morte da pessoa.

⁸⁰ ALVES, Júlia B. Um brinde à identidade, à diversidade e à alteridade: um passeio pelo mundo dos mortos no sul do México. *Abehache*, v.1, n.8, p.53-72, jan./jul., 2015.

Esse dia na cultura mexicana chama a atenção do mundo por conta da forma excêntrica para alguns de se comemorar a morte, fugindo de lamentações e dando um alívio cômico a um dia tão delicado. Diferentemente do Brasil em que o Dia de Finados, marcadamente católico, é carregado de muito sofrimento e os entes queridos não são lembrados com felicidade pelos momentos felizes que a pessoa viveu em vida, mas sim com a tristeza da perda, angústia e medo do desconhecido.

É possível afirmar que onde a cultura originária conseguiu resistir mais à invasão dos europeus, os costumes se preservaram mais, como durante o período colonial no México. Ao falar sobre o Dia dos Mortos as pessoas se atem muitas vezes apenas ao dia em si, à forma como é comemorado, e talvez não se imagine o tanto de sofrimento e luta que inúmeros povos traçaram para conseguir manter parte de seus costumes e tradições, e que mesmo com inúmeras ressignificações essa cultura segue presente no imaginário popular.

3.4 – A Santa Morte e a Representação Midiática

O *Dia de los Muertos* é representado em inúmeros filmes e séries de grandes produções *hollywoodianas*. Um exemplo dessa representação é o filme da Disney - Pixar, vencedor do Oscar do ano de 2018, “Viva: a vida é uma festa”⁸¹, animação de longa metragem, ambientado no México, no Dia dos Mortos, que retrata a história do jovem personagem principal, Miguel, apaixonado por música e que acaba preso na “Terra dos Mortos”. O filme faz um brilhante trabalho por retratar com muito respeito e seriedade a cultura mexicana. O fato de ter um mexicano, Adrian Molina, criador, diretor e roteirista do filme, juntamente com o estadunidense Lee Unkrich, provavelmente é um dos motivos principais de percebermos o cuidado com o respeito à cultura local. O filme é extremamente emocionante e retrata a tradição do dia, mostrando os altares para os entes que já se foram com fotos, objetos e com as comidas típicas, a iluminação dos mortos através das velas nos cemitérios, a questão das almas solitárias, que não tem quem as reze ou que faça oferendas por elas e, por essa razão, ficam presas na “Terra dos Mortos”, sem poder vagar pela Terra.

A animação é excelente em mostrar as diferenças culturais na forma de se ver e representar a morte. Uma das minhas frases preferidas de todo filme, que acredito que simboliza muito bem o teor do filme e cultura mexicana, é aquela em que o personagem

⁸¹ Viva: A vida é uma festa. Direção: Lee Unkrich e Adrian Molina. Produção de Darla K. Anderson. Estados Unidos: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2018. Disney Plus.

principal profere: “Minha avó disse que a morte não existe. Ela acreditava que só morremos quando os outros nos esquecem”. O filme retrata bem essa ideia de que a morte só existe quando nos esquecemos dos que já foram e, por isso, para a cultura mexicana é tão importante usar os dias 01 e 02 de novembro para homenagear e manter viva a memória dos que já se foram.

O filme foi um sucesso estrondoso, ganhador de dois Oscars, uma animação com classificação livre que normalmente teria como foco a audiência infantil, atraiu público de todas as idades pelos ensinamentos que trouxe, para qualquer pessoa disposta a aprender uma nova cultura. Levando em consideração os capítulos anteriores em que falamos sobre a presença da morte sensacionalista nos telejornais, a importância de produções como essa para abrir a discussão e possibilitar o contato com diferentes representações da morte, mais alegres, menos trágicas, diversas daquelas a que estamos acostumados a ter com os programas da televisão brasileira, é indispensável, principalmente no Brasil.

Entretanto, falando sobre representações midiáticas em torno da comemoração do Dia dos Mortos no México, preciso citar o oposto do filme “Viva: A vida é uma festa”. Durante as minhas pesquisas sobre o dia, encontrei uma série-documental de 2018, produzida por uma das maiores plataformas de *streaming*, a Netflix, chamada “Turismo Macabro”⁸². O nome já diz muito sobre o teor da série que é “brincar” com a questão do “macabro”. Cada episódio é ambientado em uma região diferente, onde o jornalista David Farrier roda o mundo mostrando, através das suas experiências, pontos turísticos e tradições “macabras” de diversos países.

No primeiro episódio da série o foco é a América Latina, na Colômbia e no México. Nos trechos que têm como foco o México, mostram o Dia dos Mortos. O trecho já começa com uma música macabra ao fundo, passando imagens das pessoas vestidas de caveiras nas festas, demonstrando qual o tipo de narrativa eles iriam adotar no episódio. Logo em seguida introduzem a Santa Morte, iniciando um verdadeiro “show” de intolerância religiosa, chamando a prática de devoção a ela como “nova obsessão sombria do México”, relatando sobre como ela é uma Santa banida pelas Igrejas tradicionais. Para saber um pouco mais sobre a Santa, o jornalista decidiu ir a uma igreja pegar informações com um padre. É claro que as informações sobre a Santa não seriam nada positivas, o padre relata sobre como ela é uma forma de adoração ao Satanás, discurso bem parecido ao que citamos no início do capítulo sobre a deusa da morte Mictecacihuatl. Mas o que mais me surpreendeu foi a sessão de

⁸² AMÉRICA Latina. (Temporada 1, ep 1). Turismo Macabro [seriado]. Direção: Colin Rothbart. Produção: Polly Fryer. Netflix Studios, 2018.

exorcismo que foi feita neste momento do episódio em uma mulher que tinha a tatuagem da Flaquita, nome também usado por seus seguidores.

O sensacionalismo neste momento do episódio não é muito diferente do que estamos acostumados a ver sobre a morte no Brasil, exploram um símbolo muito importante para inúmeras pessoas e demonizam a Santa, para continuar carregando a narrativa macabra que é a proposta da série. No primeiro capítulo falamos sobre a influência das mídias audiovisuais, o impacto que representações desse tipo da cultura mexicana é muito problemático, além de desrespeitoso, influencia as pessoas a continuarem vendo e entendendo a morte como algo negativo, que se deve temer, muito diferente do que as pessoas vão sentir sobre a morte e a cultura mexicana depois de assistirem a animação citada anteriormente.

Depois desse momento, o jornalista visita Tepito, um bairro marginalizado da Cidade do México, conhecido por ter muitos seguidores da Santa Morte. O sensacionalismo não é abandonado neste momento do episódio, continuam usando termos pejorativos, porém é importante que eles tenham ido até os seguidores da Santa, mostrando pelo menos um pouco o outro lado. Entrevistando a “Dona Queta” conhecida seguidora da Flaquita, uma senhora simpática que ressalta que não precisa ter medo da Santa, que na verdade ela cuida de todos. O jornalista encerra a narração deste momento do episódio falando que entendeu um pouco sobre a Santa, que na verdade a adoração à Santa não representa uma adoração a morte em si, e sim sobre não ter medo da morte, questão importante ao pensar em que contexto social vive a maioria dos seguidores dela.

Outro episódio que evidencia o sensacionalismo sobre a Santa Morte é uma matéria⁸³ de 2016 do repórter Edie Polo para a RedeTV! disponível no *YouTube* sobre a Flaquita. O repórter viaja para o México e visita locais onde possuem seguidores dela, mostram altares e, é claro, que a intolerância religiosa estava presente. A narração da matéria usa diversas vezes o termo “seita macabra” para denominar os seguidores da Santa, reforçando durante toda a matéria que são compostos na maioria por “criminosos e delinquentes”, moradores de bairros perigosos. Um dos momentos mais desconfortáveis da entrevista, na minha opinião, é quando o repórter entrevista uma mulher que estava acendendo uma vela à Santa pedindo por um novo emprego, ela diz que não quer ser filmada, que não tem interesse em falar, e o repórter continua com as perguntas do tipo: “Mas não dá um pouco de medo?”.

⁸³ Polo, Edie. Santa Morte - México. Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=quWebzPc48c>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

Dona Queta que aparece no documentário “Turismo Macabro” também é entrevistada nesta matéria, apresentada na narração como “uma das fundadoras da seita” e o repórter repete a pergunta feita à entrevistada anterior “Mas não dá medo?”, a resposta de Henriqueta foi a melhor que ela poderia dar “Medo me dá os vivos”. A entrevista fez tanto sucesso que em 2020, em um especial de 20 anos da emissora ela foi reprisada.⁸⁴ Sabendo do interesse da população brasileira pelo tema, discussão que fizemos nos capítulos anteriores, isso não me surpreende, o que me preocupa é em como a entrevista reforça um estereótipo negativo sobre a morte, e principalmente, sobre as crenças de uma população.

A Santa Morte, diferentemente do que se narra para conseguir audiência, não significa devoção ao Satanás. A deusa da morte é apenas uma das várias representações de origem indígena que contribuiu para que no México se representasse a morte de uma maneira mais leve. Essa Santa Morte, mesmo não sendo reconhecida pela Igreja Católica, continua até os dias atuais, uma das santas mais populares do país com milhões de seguidores. Sendo eles, principalmente, a população marginalizada, formada por pobres e membros a comunidade LGBT. A importância desses grupos marginalizados adorarem a Santa é que esses são grupos que normalmente temeriam a morte, por viver em um bairro violento, por serem parte de uma comunidade não aceita pela sociedade, mas na verdade esses grupos encontram a proteção dela e veem aí uma força para continuar lutando por dias melhores. O fato de que a morte não escolhe a classe social, orientação sexual, ou raça reafirma a ideia de que aos olhos dela somos todos iguais, por isso os seus seguidores, que na maioria das vezes fazem parte de uma população negligenciada, esquecida por muitos, acreditam que ela irá olhar por eles.

Cultos à Santa Morte também são encontrados nos Estados Unidos,⁸⁵ e segundo Chesnut, isso se dá porque muitos dos imigrantes levam essa cultura para o país, se apegando na *Magrinha* principalmente para atravessar a fronteira dos Estados Unidos, em busca da sua proteção. Diferente da narrativa que encontramos na série e na matéria citada anteriormente, a Santa não é cultuada apenas pelos “esquecidos”, “o Anjo da Morte possui uma ampla gama de seguidores entre os políticos de alto escalão, estrelas de cinema, senhores da droga e mesmo na alta cúpula da Igreja Católica nos anos 1990, antes de seu culto tornar-se público!”⁸⁶ Muitos são seguidores da Santa, mas preferem manter suas crenças para si, não verbalizar em público com medo da intolerância que se tem em relação a ela.

⁸⁴ ‘RedeTV! 20 anos’ reúne acervo com grandes reportagens já exibidas pela emissora. UOL, 2020. Disponível em: <https://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/midia/redetv-20-anos-reune-acervo-com-grandes-reportagens-ja-exibidas-pela-emisso>. Acesso em: 10 de Novembro de 2022.

⁸⁵ CHESNUT, Op. Cit., p. 196.

⁸⁶ Ibid., p. 207.

O importante é ressaltar a influência indígena na comemoração e a maneira de lidar com a morte no país. Por outro lado, a mídia tem sido a principal ferramenta que tem ajudado a desmistificar a morte como algo trágico, como o filme “Viva: A vida é uma festa”, mas também pode ser responsável por engajar a representação da morte como algo macabro, como vimos através do documentário “Turismo Macabro” e da reportagem da RedeTV!.

Passemos agora a analisar o Brasil e sua relação com a morte, tendo como foco o Dia de Finados.

3.5 - Cemitérios a céu aberto no Brasil

Antes de iniciarmos a discussão sobre o Dia de Finados no Brasil considero de extrema importância analisarmos a questão dos cemitérios a céu aberto no país, já que é o local que se torna o palco principal deste dia. Refletir sobre os cemitérios contribui muito para a nossa análise já que foi a motivação principal de nossa pesquisa quando pensei no tema pela primeira vez. Estava na mira refletir sobre o impacto dos cemitérios nas sociedades e, principalmente, a forma como são administrados.

Para a análise aqui proposta usaremos os estudos de Cláudia Rodrigues e Milra Nascimento Bravo, que se dedicaram a pesquisar as hierarquias dos cemitérios no Brasil escravista,⁸⁷ e o artigo de Elisiana Trilha Castro, que traz uma análise das limitações que os imigrantes enfrentavam no Brasil, no século XIX, para o enterro de seus entes queridos.⁸⁸

Cláudia Rodrigues e Milra Bravo analisam a hierarquização da morte, ao tratar sobre as dificuldades que os escravos encontravam para ter o mínimo de decência possível na hora da sua morte. O maior temor era não ter ao menos um lugar para ser enterrado e de terem seus corpos descartados como se não valessem nada. As autoras tratam da questão do surgimento dos cemitérios a céu aberto, que foram criados a partir de 1850, nas cidades do império brasileiro, “[...] como parte das políticas de salubridade pública em decorrência principalmente de surtos epidêmicos —, a maioria absoluta dos mortos era sepultada no interior ou em torno dos templos católicos”.⁸⁹

⁸⁷ RODRIGUES, Cláudia; BRAVO, Milra Nascimento. Morte, cemitérios e hierarquias no Brasil escravista (séculos XVIII e XIX). Revista *Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 3-20, jul. 2012. ISSN 1983-7798. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/2478/1537>>.

⁸⁸ CASTRO, E. T. Para cada morto, a sua cova: algumas restrições para o sepultamento de protestantes no Brasil, século XIX. Revista *Inter-Legere, [S. l.]*, v. 1, n. 12, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4199>.

⁸⁹ RODRIGUES; BRAVO, Op. Cit. p.02.

O direito a um sepultamento digno não era igual para todos e o enterro nos interiores dos templos era quase inteiramente reservado para os ricos. A Igreja católica e seus seguidores acreditavam que quanto mais perto do altar o falecido fosse enterrado, mais perto de Deus e suas glórias a pessoa estaria. Por isso, é claro que o interior das igrejas acabaria sendo monopolizado pelos altos estratos da sociedade e os arredores dos prédios pios também. Os negros escravizados, que não eram pagãos, quando conseguiam o direito ao enterro próximo às igrejas, tinham os seus sepultamentos no adro.

Segundo as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, seriam impossibilitados de receber tal benefício: judeus, heréticos, cismáticos, apóstatas, blasfemos, suicidas (exceto quando o indivíduo fosse considerado louco), duelistas, usurários, ladrões de bens da Igreja, excomungados, religiosos enriquecidos (se tivessem profissão de pobreza), refratários à confissão e à extrema-unção, infiéis, crianças e adultos pagãos.⁹⁰

Os rejeitados da Igreja que não possuíam o direito a um enterro digno, tinham os seus corpos enterrados em matos, terrenos baldios e nas praias,⁹¹ sem ter a graça divina desse momento. O principal local reservado para o sepultamento santo desses “desprivilegiados”, termo usado pelas autoras, era o cemitério do Campo da Pólvora, localizado em Salvador. O intuito de ter um local destinado ao sepultamento desses grupos não era por se importarem com a sua situação de penúria e sim a higiene pública, já que esses corpos corriam o risco de serem “descartados” em locais públicos, como as praias. O uso do termo “descartado” soa rude por estarmos falando de pessoas, mas essa era a forma com que os senhores tratavam os corpos dos negros escravizados, pois não queriam arcar com as despesas de um sepultamento nos moldes impostos pela Igreja. Por isso, o Campo da Pólvora surge como uma necessidade de se tirarem das ruas esses corpos que não tinham o direito de serem enterrados de acordo com o costume. Em 1844, o cemitério é transferido para outro lugar da cidade e passa a receber corpos de não apenas os escravizados pagãos, mas também de escravizados cristãos. A reputação desse cemitério não era boa por ser o local de sepultamento dos rejeitados.

Os responsáveis pelo enterramento destes “africanos pagãos” seriam os funcionários que realizavam a limpeza pública. Ou seja, segundo João Reis, ao mesmo tempo em que se cuidava da higiene da cidade, retiravam-se os corpos abandonados para evitar que cães se alimentassem deles ou que causassem algum dano à saúde da população. Com base nas posturas da Câmara de Salvador, que citavam que desde a primeira década do século XVIII, o Campo saía

⁹⁰ Ibid., p.07.

⁹¹ Idem, ibid.

do portão da Casa da Pólvora e era responsável pelo enterro de negros “pagãos”, João Reis conclui que este local era, neste período, um lugar interdito ao enterro de cristãos, mesmo quando estes eram escravos.⁹²

Existiam outros cemitérios pelo Brasil que também tinham o mesmo intuito de hierarquizar a morte, deixando reservado um local separado para o sepultamento dos rejeitados, como por exemplo o Cemitério dos Aflitos, em São Paulo. O local estava em tão más condições, que não se sabe ao certo quais as autoridades responsáveis pela manutenção dele.⁹³

O cemitério do Campos de São Domingos, no Rio de Janeiro, surge no intuito de sanar a falta de espaço para o sepultamento no Cemitério da Santa Casa da Misericórdia, local que era destinado aos sepultamentos dos escravizados até meados do século XVIII. Com o aumento do tráfico africano, surge a necessidade de um novo cemitério e o local destinado foi pensado estrategicamente, já que era localizado próximo ao mercado de escravos da região, para facilitar a remoção dos corpos que falecessem antes da venda.⁹⁴ O depoimento de um viajante, analisado pelas autoras, relata a negligência em relação aos cuidados com o local, o descuido que tinham com os corpos, que eram todos amontoados como se não fossem pessoas, sem o mínimo de dignidade, corpos que ficavam por dias descartados sem o sepultamento, esperando juntar mais mortos para enterrar todos juntos e “poupar o trabalho”.

Elisiana Trilha Castro também expõem a hierarquização do morrer, mostrando como nem todos tinham o direito a um sepultamento digno e respeitosos, porém o foco da sua análise são os imigrantes protestantes italianos, espanhóis e germânicos no século XIX no Sul do Brasil. A autora relata que por serem protestantes enfrentavam uma série de empecilhos na hora do sepultamento, já que as práticas de enterramento eram monopolizadas pela Igreja Católica. O Governo Imperial por sua vez também não tomava medidas para facilitar esse momento tão delicado para os estrangeiros. Os estrangeiros, por não serem da mesma religião, não tinham direito ao sepultamento nos moldes da Igreja e, por isso, muitos corpos eram abandonados, ou enterrados clandestinamente dentro do local.⁹⁵

Sem direito garantido na hora da morte, os acatólicos construíram os primeiros cemitérios a céu aberto no Brasil. Eles surgem por uma distinção entre católicos e protestantes feita pela religião oficial e sustentada pelo Estado, que por muitos anos não tomou maiores providências com relação aos direitos dos últimos.⁹⁶

⁹² Ibid., p.08.

⁹³ Ibid., p.10.

⁹⁴ Idem, *ibid.*

⁹⁵ CASTRO, Op. Cit., p.161.

⁹⁶ Ibid., p.162.

Para concluir, é importante perceber que os cemitérios no Brasil surgem pensando na questão da saúde pública, no intuito de afastar os mortos do contato humano, para evitar surtos epidêmicos, mas também tem grande influência na questão da necessidade de distanciar os mortos rejeitados da Igreja do restante dos moribundos. Outro ponto importante é pensar que o cemitério é um lugar de afirmação da religiosidade, já que eles já surgem sob o monopólio da Igreja e tem a separação entre acatólicos e católicos. Além disso, se levarmos em consideração a forma com que surgiram vários dos cemitérios do Brasil, conseguimos entender um pouco sobre o tabu que cerca o local, para muitos ele não é visto como um espaço para convívio social, é apenas um espaço triste, lúgubre, macabro, pesado, como nos contextos de muitos filmes de terror contemporâneos.

3.6 - Iluminação dos mortos em Curuçá-PA

O Dia de Finados para os brasileiros, como mostram inúmeras pesquisas, é momento de homenagem sóbria aos mortos, sem festejos alegres, sem comidas típicas, danças ou música, marcada por visitação aos cemitérios, acendimento de velas nos túmulos, rezas do terço, lentas e silenciosas procissões. Essa é a regra, essa é a tradição. No entanto, nossas leituras nos levaram a descoberta de práticas rituais diferentes, uma exceção, que nos confirmou a regra.

Sendo o nosso objeto fazer comparações entre o México e o Brasil, julgamos pertinente trazer para este trabalho a descrição do ritual característico de uma cidade brasileira no Estado do Pará, a cidade de Curuçá. Uma cidade que faz do Dia de Finados um dia de espetacularização da morte, com ruas e cemitérios cheios de luz, com pessoas vestindo suas melhores roupas de festa, com ambulantes vendendo comidas típicas. O Dia de Finados em Curuçá poderia ser chamado de *Dia de Los Muertos*?

Se até aqui analisamos o Dia dos Mortos no México, nesse segundo momento queremos analisar o mesmo feriado, o mesmo dia no Brasil, a fim de fazer a comparação não apenas para mostrar as diferenças entre os dois países no tratamento que dão ao dia dedicado aos mortos, mas também para mostrar o semelhante. Decidi abordar algo diferente, a Iluminação dos mortos em Curuçá-PA, para evidenciar que nem todos os lugares do Brasil o dia 02 de novembro é tratado dessa forma trágica. Descobrimos esta exceção de Curuçá. O Brasil é um país gigante, rico em diversidade cultural e encontramos variedade até mesmo em uma tradição tão sólida como a do Dia de Finados. Para trazer à cena um ritual contemporâneo tão típico,

dentro de um ritual secular, irei me apoiar no estudo de Valéria Fernanda Sousa Sales,⁹⁷ que analisa o evento de forma detalhada, focando os diferentes âmbitos que envolvem o dia.

Curuçá é uma cidadezinha do Pará, conhecida pela forma “exótica” com que lida com os mortos, por meio do rito da *Iluminação* deles, no dia 02 de novembro. Durante o dia a população se reúne no cemitério da cidade para iluminar os entes queridos, através de velas que são acesas nos túmulos. O local fica repleto de pessoas, com direito à banda, muita conversa, risada, lembrando histórias dos familiares que já se foram, comidas e bebidas tradicionais, como a *mandicuera*, considerada Patrimônio Cultural de Curuçá, é um preparo típico do Pará, feito com o caldo de uma espécie de mandioca chamada de mandiocaba. O evento tem um impacto gigantesco na cidade, essencial para a identidade da sua população, além é claro do impacto econômico, já que para o dia especial precisam contratar muitos serviços como a compra de grinalda de flores, velas, trabalhos dos biscateiros, serviço da manutenção das sepulturas, profissionais da iluminação, etc.



Figura 1 Visão panorâmica do cemitério São Bonifácio na Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA. Fonte: Imagem de Silva Drone, arquivo de Valéria Sales.

Mês de outubro se inicia e com ele vem a procura pelos serviços de construção, pintura e limpeza de túmulos no cemitério São Bonifácio. O Biscateiro é o trabalhador presente no cemitério, somente neste período que antecede a Iluminação de Finados. Seria um trabalho típico deste período, função contratada por famílias para preparar, limpar e embelezar a casa de seu parente falecido que receberá visitas no Dia de Finados. Visitas que chegarão para acender velas no túmulo do familiar e iluminar seu caminho na vida eterna. Momento para colocar os assuntos em dia, seja conversando com o falecido – em

⁹⁷ SALES, Valéria Fernanda Sousa. Saudades, Reencontros e Manicuera: espetacularidades entrecruzadas de afeto na Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA. Tese (Doutorado em Artes) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Belém, 2022. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/14086>.

oração enquanto a vela queima – ou com o parente que se encontra naquele dia no cemitério.⁹⁸

Valéria Sales ressalta que esses serviços, como a fabricação da mandicuera para a venda, demora meses desde a plantação da mandioca, até o dia 02 de novembro, e conta com a ajuda e envolvimento da família inteira para chegar ao resultado final, essa que é uma atividade passada de geração para geração. É muito interessante a forma como a autora relata a participação das crianças em toda a prática cultural, já que essa foi a experiência vivenciada por ela durante sua infância.

Com o passar do tempo as mães já vão passando a atividade de feitura da mandicuera para as filhas, aos homens cabe o trabalho de plantação, transporte da mandioca e da mandicuera. São gerações de mulheres que passam a função e segredos do preparo para suas filhas, que sua produção é reconhecida pela qualidade apresentada, representando a preservação de um patrimônio, que segundo Socorro Ruivo (2010) é Patrimônio Cultural do Município de Curuçá, transmitido entre gerações, sendo recriado pela comunidade em função de seu ambiente, interação e história, gerando sentimento de identidade e pertencimento.⁹⁹

Essa questão da identidade citada pela autora revela a participação das crianças em todo o processo, que já crescem com esse sentimento de pertencimento, além de crescerem também com um contato diferente com temas considerados tabu, como cemitério e a morte.

A criação de crianças em um lugar que pensa a morte cotidianamente, vivenciando o Dia de Finados de maneira coletiva e menos mais reservada, ou introspectiva, tem outro impacto na comunidade.¹⁰⁰ Pela tradição local dos curuçenses, o cemitério é um espaço social, coletivo, oposto ao sentimento de medo da morte ou de fantasmas e todos fazem questão de ir à cidade iluminar os parentes no dia 02 de novembro.

Na tradição dos moradores de Curuçá, o dia é alegre, com sorrisos, músicas, mas eles não deixam de refletir sobre a vida dos que já foram. Vitória Sales relata que é comum se sentarem em volta das sepulturas conversando sobre a pessoa que já partiu, compartilhando histórias e experiências que tiveram com ela, homenageando através de camisetas com desenhos dos rostos dos familiares, numa atmosfera festiva. Para muitos brasileiros pode parecer um absurdo misturar morte com festa.

⁹⁸ SALES, Valéria Fernanda Sousa. Op. Cit., p.83

⁹⁹ Ibid., p.102.

¹⁰⁰ Ibid., p.148.

Porém, a leitura da tese de Vitória Sales nos leva a perceber como a mentalidade dos curuçaenses sobre a morte é diferente da maioria dos brasileiros e se assemelha muito ao que vimos do México. A festa é bem parecida, com a tradição de acender velas para iluminar o caminho dos que já se foram, a tradição das músicas e comidas típicas. O cemitério é visto como um espaço seguro, de convivência social, local que merece muito respeito, onde as pessoas devem se reunir, para conversar, dar risada e não apenas para chorar pensando nos entes queridos que partiram.

Além dessas semelhanças pude perceber também a afinidade de mentalidade sobre a morte. A autora ressalta que a morte é relacionada ao esquecimento, estão mortos de fato os que tiveram a memória sobre eles esquecida, “porque a verdadeira morte vem com o esquecimento, vem com a escuridão, então se aquela pessoa não puder ir à iluminação, ela guardará as velas ou mandará por alguém”.¹⁰¹ E esse ato de pensar sobre a morte do outro, de ter a liberdade para falar sobre isso, faz com que os moradores da cidade tenham mais consciência sobre a morte em si. Sales cita o caso de um curuçaense jovem que já comprou o seu espaço no cemitério para quando falecer.¹⁰² Pode soar estranho para muitos, pois o comum é evitarmos pensar sobre esse futuro inevitável. Porém, ao refletir sobre a morte do outro, passamos a ter consciência sobre a morte de si, sabendo que um dia iremos partir e precisaremos de ter um espaço reservado no cemitério.

Conseguimos identificar várias semelhanças entre o Dia de Los Muertos, do México, e a Iluminação dos Mortos, de Curuçá, na forma de celebrar e na mentalidade, no senso de comunidade e empatia, ao pensarem nos que já se foram e o quanto precisam se iluminarem pelos que ficam, que sempre andam com velas extras para não deixar ninguém ser esquecido.

É muito interessante pensar em como o ambiente influencia a forma com que vemos a morte. A criança que cresce em Curuçá tem muita probabilidade de ser mais aberta ao assunto morte, do que outra que cresça na cidade onde cresci, José Bonifácio, onde não se fala sobre o Dia de Finados, que passa quase despercebido. O principal contato que essa criança provavelmente terá com a morte será através da televisão e, como já vimos nos capítulos anteriores, é bem possível que ela tenha acesso apenas à representação da morte trágica, dramática, sensacionalista. É possível que cresça tendo uma visão marcada pelo tabu, mas não de silenciamento ou proibição, mas sim de negação da reflexão sobre nossas existências e finitude.

¹⁰¹ Ibid., p.69

¹⁰² Ibid., p.127.

Conclusão

No primeiro capítulo, no intuito de pensar sobre a televisão, abordamos o surgimento da mesma no contexto mundial. Desde o seu primeiro protótipo criado em 1908 através de uma experiência do engenheiro elétrico escocês Campbell Swinton até a pós “Idade da Televisão” em 1950, enfocamos as principais preocupações que surgiram com essa nova mídia, já que estudiosos desde o seu surgimento temiam o impacto que ela teria na sociedade. A importância deste capítulo serviu para entendermos o poder de influência da televisão, vimos isso quando expusemos o uso da mesma durante o período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Durante esse período a televisão foi uma ferramenta fundamental, tão fundamental que foi um momento de grande desenvolvimento desta mídia, devido ao patrocínio do governo. Entendendo a importância do veículo para influenciar a opinião pública, o governo militar investiu na televisão e foi neste contexto que surgiram inúmeros telejornais, como o Jornal Nacional.

Outro ponto importante que aprendemos no capítulo foi sobre a objetificação do medo nas programações dos telejornais em busca da audiência. Por conta do sucesso da televisão as marcas logo perceberam quão vantajoso era a divulgação de seus produtos na TV aberta, e visando as vendas, as emissoras entendiam que quanto mais audiência, maior o lucro.

No segundo capítulo vimos a representação da morte nos telejornais brasileiros, que por conta do interesse da audiência, resulta na sua espetacularização. Na primeira parte do capítulo vimos a contradição entre o distanciamento da morte no dia a dia da população e a aproximação da morte na mídia. Nos apoiando nos estudos de Philippe Ariès vimos o afastamento da população com a morte através dos anos, por inúmeros motivos como por questões sanitárias e avanços científicos e tecnológicos, que culminaram no surgimento dos hospitais.

Observamos também neste segundo capítulo a aproximação com a morte que advém da representação dela nas mídias contemporâneas, como a televisão. Focamos neste capítulo na representação da morte nos telejornais evidenciando o sensacionalismo presente nas matérias relacionadas a ela. Dessa forma, fazendo com que a morte tratada seja sempre violenta e inesperada, com uma narrativa que não poupa a dramatização e espetacularização da mesma, não respeitando a memória e a família da vítima.

Aprendemos neste capítulo os três tipos de morte que tem espaço nos telejornais, sendo elas: as mortes causadas por desastres naturais, a morte de personalidades famosas e por último as mortes violentas. O que todas essas representações têm em comum é a narrativa presente em todas, são mortes tratadas com muita dramatização. A consequência dessa representação

frequente na mídia é o medo. A população brasileira consome esses grandes telejornais líderes em audiência diariamente, impactando diretamente na forma com que eles enxergam e lidam com a morte. Por isso, inúmeras estratégias foram criadas no intuito de tornar a programação cada vez mais atrativa para a audiência e uma dessas estratégias foi o uso do medo. O espetáculo vira notícia e a notícia é espetáculo diariamente na programação de alguns canais, principalmente nos telejornais, através das notícias sobre mortes violentas, como no *Cidade Alerta*.

No terceiro e último capítulo deste trabalho fizemos uma análise comparativa entre o Brasil e o México, no intuito de identificar as diferenças e semelhanças na forma com que lidamos com a morte. Para isso usamos como exemplo o dia 02 de novembro, Dia de Finados ou Dia de Los Muertos.

Sobre o Dia de Los Muertos aprendemos sobre a influência indígena no feriado que é símbolo de um hibridismo cultural violento que aconteceu no país, que ressignificou símbolos de grande importância para as culturas indígenas para se tornar algo “mais aceito” na religião católica, como a Santa Muerte, Santa muito popular no país, principalmente entre as camadas mais vulneráveis. Durante o capítulo vimos essa influência no feriado, seja pela mentalidade sobre a morte sendo tratada de maneira alegre com muitas cores e músicas, pela culinária e até mesmo pela decoração que enfeita as festas.

Vimos também elementos do filme “Viva: A vida é uma festa”, animação que retrata o feriado respeitando a cultura local e apresenta para um público que não conhece a tradição um pouco sobre a mentalidade do país sobre a morte. Trazendo discussões importantes como a relação entre a morte e o esquecimento, questão muito importante para os mexicanos que acreditam na importância de manter viva a memória dos que já foram.

Antes de iniciarmos a análise sobre o dia 02 de novembro no Brasil vimos um pouco sobre o palco principal deste feriado, o cemitério a céu aberto. Observamos que os cemitérios surgem no Brasil a partir de 1850, antes disso os enterros aconteciam no interior ou ao redor das igrejas. No entanto, não eram todas as pessoas que tinham privilégio de um enterro digno, os “rejeitados” eram despejados como se não tivessem valor e por questões sanitárias surge a necessidade de se criar um espaço para os enterros desses corpos. A importância deste momento do texto é para entendermos que os cemitérios a céu aberto no Brasil nunca foram tratados como um espaço para convívio social.

Percebemos que o cemitério não é visto como um espaço de convívio coletivo ao analisarmos o Dia de Finados no Brasil. Para grande parte da população o cemitério não é um ambiente confortável que a família visite com leveza, para socializar e lembrar com felicidade

a memória dos que estão enterrados ali, tem um pesar que persegue o local e durante o feriado as famílias o visitam com muita melancolia. Porém, durante o capítulo com o apoio do artigo de Valéria Fernanda Sousa Sales vimos uma visão diferente do comum sobre o dia 02 de novembro no Brasil.

Através da exposição sobre a Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA, pudemos perceber algumas semelhanças com o Dia de Los Muertos. Durante o dia, a população se reúne no cemitério da cidade para iluminar os entes queridos, através de velas que são acesas nos túmulos, tradição semelhante à que observamos no México. Além disso, o dia é marcado por muita festa e encontro, sendo o cemitério o palco principal do evento cultural tão importante para a identidade da população, que tem um impacto social, mas também econômico nos moradores.

É interessante entendermos que o ambiente em que se cresce influencia na forma com que se vê e lida com a morte, a pessoa que cresceu em Curuçá tem grande probabilidade de ser uma pessoa mais aberta ao assunto morte, por conta da cultura da cidade do que uma pessoa que cresceu com a morte sendo um tabu ou representada de forma trágica e dramatizada.

Esta pesquisa foi muito importante para mim, juntou dois temas que sempre me intrigaram de alguma forma, a morte e a mídia, conseguiu unir dois tópicos que muito me interessam em uma só pesquisa. Durante a pesquisa aprendi muito sobre mídia e morte, mas também aprendi muito sobre mim, meus medos e interesses, percebi que muito do meu interesse sobre as representações da morte é por puro medo do desconhecido, do que se não discute. Pude saciar dúvidas que a Giovanna criança tinha, mas não possuía a abertura dentro de casa para sanar.

Enfrentei diversas dificuldades durante a pesquisa, seja por estar enfrentando uma pandemia logo no início dela, que fez com que o tema morte se tornasse um pouco mais pessoal, já que tudo que se via na mídia de uma certa forma era sobre ela, em alguns momentos a pesquisa parecia pessoal demais, encontrei uma certa dificuldade em separar. Tive dificuldade também em delimitar a minha pesquisa, quanto mais eu lia, mais coisas queria adicionar, então senti que isso impactou um pouco no resultado final.

Concluo este trabalho com mais dúvidas que respostas, quanto mais estudava mais questionamentos surgiam, como por exemplo sobre a mídia mexicana em si, trabalhamos a representação da morte na televisão brasileira, sobre a representação do Dia de Los Muertos na mídia estrangeira, mas não analisamos como a mídia mexicana representa a morte. Outro ponto que gostaria de ter tido mais tempo para analisar mais profundamente é sobre o Dia de Finados em si, sua origem e influências.

Para o futuro pretendo não abandonar esta pesquisa, pois consigo enxergar alguns caminhos que este estudo me apresentou, como representações midiáticas da morte e os cemitérios a céu aberto a partir de 1850, que foram dois temas que me interessaram muito durante a pesquisa. Porém, o que mais tive afinidade e encontrei alegria durante a pesquisa foi sobre a Santa Muerte, desde a primeira vista me encantei com a sua história, que representa tanta resistência. Me identifiquei com muitos dos seus seguidores, já que a maioria se encontra em uma posição vulnerável, seja por questão financeira ou simplesmente por questão de identidade, como o público LGBTQIA+ que são seguidores da “Flaquita”. Portanto, caso tenha a oportunidade, consigo enxergar alguns caminhos para seguir com esta pesquisa.

Referências Bibliográficas

Fontes Digitais e Midiáticas

Viva: A vida é uma festa. Direção: Lee Unkrich e Adrian Molina. Produção de Darla K. Anderson. Estados Unidos: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2018. Disney Plus.

AMÉRICA Latina. (Temporada 1, ep 1). **Turismo Macabro** [seriado]. Direção: Colin Rothbart. Produção: Polly Fryer. Netflix Studios, 2018.

“Copie o look da delegada Helô, vivida por Giovanna Antonelli em ‘Salve Jorge’”. **Terra**, 2013. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/moda/copie-o-look-da-delegada-helo-vivida-por-giovanna-antonelli-em-salve-jorge,00285569dd94d310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>> Acesso em: 05 de dezembro de 2022.

DRACZ, Juliana. Investigação sobre a morte de MC Kevin faz Cidade Alerta explodir na audiência. **Observatório da TV**. 2021. Disponível em: <<https://observatoriodatv.uol.com.br/audiencia-da-tv/investigacao-sobre-a-morte-de-mc-kevin-faz-cidade-alerta-explodir-na-audiencia>> . Acesso em: 29 de junho de 2022.

“Mãe desmaia ao saber da morte da filha, ao vivo, no Cidade Alerta”. **UOL**, 2020. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/imagem-e-som/noticia/2020/02/18/mae-desmaia-ao-saber-da-morte-da-filha-ao-vivo-no-cidade-alerta-400156.php>> Acesso em: 29 de junho de 2022.

“Maiara é criticada após velório de Marília Mendonça e Maraisa sai em defesa: “Minha irmã é fod*””. **UOL**, 2021. Disponível em: <<https://anamaria.uol.com.br/noticias/famosos/maiara-e-criticada-apos-velorio-de-marilia-mendonca-e-maraisa-sai-em-defesa-minha-irma-e-fod.phtml>> Acesso em: 29 de junho de 2022.

“Mais caro da Globo: quanto custa um comercial no Jornal Nacional?”. **Veja São Paulo**, 2021. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/quanto-custa-comercial-globo/>> Acesso em: 05 de dezembro de 2022.

“Pesquisa indica aumento no número de comerciantes assaltados no Rio; gastos com segurança subiriam 5%.” **G1**, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/05/12/pesquisa-indica-aumento-no-numero-de-comerciantes-assaltados-no-rio-gastos-com-seguranca-subiram-5percent.ghtml>> Acesso em: 29 de junho de 2022.

Polo, Edie. **Santa Morte - México**. Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=quWebzPc48c>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

“Porque a publicidade infantil é proibida”. **Publicidade Infantil Não**. Disponível em: <<https://publicidadeinfantilnao.org.br/secao/10-motivos-para-nao-expor-as-criancas-a-publicidade/#:~:text=A%20Resolu%C3%A7%C3%A3o%20n%C2%BA%20163%20de,consumo%20de%20produtos%20e%20servi%C3%A7os.>>> Acesso em: 20 de Dezembro.

“Publicidade Infantil: entenda o que é, os problemas e a Lei no Brasil”. **Neilpatel**. Disponível em: <<https://neilpatel.com/br/blog/publicidade-infantil/>> Acesso em: 20 de dezembro 2022.

“RedeTV! 20 anos’ reúne acervo com grandes reportagens já exibidas pela emissora. **UOL**, 2020”. Disponível em: <https://www.redeTV.uol.com.br/jornalismo/midia/redetv-20-anos-reune-acervo-com-grandes-reportagens-ja-exibidas-pela-emisso>. Acesso em: 10 de Novembro de 2022.

Obras de Referência

Art. 5º da Lei nº13.257, de 08 de março de 2016. (Brasil, 2016). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm Acesso: 07 de janeiro de 2023.

Bibliografia

ALVES, Júlia B. **Um brinde à identidade, à diversidade e à alteridade**: um passeio pelo mundo dos mortos no sul do México. *Abehache*, v.1, n.8, p.53-72, jan./jul., 2015.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. São Paulo: Saraiva, 2012.

BARBERO, J. e Martín REY, Germán. **Os exercícios de ver**. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. SP: SENAC. 2004.

BARCELLOS, Alice; FÉLIX, Láila; MENEGUELLI, Ana. **Programa Cidade Alerta**: processos de recepção dos telespectadores. *Revista Científica Faesa*, Vitória, ES, v. 13, n. 1, p. 14-17, 2017.

BERGAMO, Alexandre. **Imitação da ordem**: as pesquisas sobre televisão no Brasil. *Tempo Social* [online]. 2006, v. 18, n. 1 pp. 303-328. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000100016>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

BITTAR, William Seba Mallmann. **Da morte, de velórios e de cemitérios no Brasil**. *Paisagens Híbridas*, v. 1, n. 1, p. 178-205.

BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BUCCI, Eugênio. **Televisão brasileira e ditadura militar**: tudo a ver com o que está aí até hoje. *Rumores*, v. 10, n. 20, p. 172-193, 2016.

CARVALHO, Carlos Alberto. **Crimes de proximidade em coberturas jornalísticas**: de que morte tratamos? In: MARTINS, Moisés de Lemos; CORREIA, Maria da Luz; VAZ, Paulo Bernardo; ANTUNES, Elton. *Figurações da morte nos mídia e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: CECS, 2016.

CASTRO, E. T. **Para cada morto, a sua cova**: algumas restrições para o sepultamento de protestantes no Brasil, século XIX. *Revista Inter-Legere, [S. l.]*, v. 1, n. 12, 2013. Disponível

em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4199>. Acesso em: 05 de dezembro de 2022.

CHESNUT, R. A. **Santa Morte, a Santa Esquelética no México e nos Estados Unidos**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 55, p. 195-217, jul./dez. 2011. Editora UFPR.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. Tradução Maria Lucia Machado, tradução das notas de Heloísa Jahn. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

GONÇALVES BARACHO, M. L. **Televisão brasileira: uma (re)visão**. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais, v. 4, n. 2, p. 1-19, 14 jun. 2007.

GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário**. Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol (séculos XVI-XVIII). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTINS, Moisés de Lemos; CORREIA, Maria da Luz; VAZ, Paulo Bernardo; ANTUNES, Elton. **Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar**. Braga: CECS, 2016.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2009.

MOTA, Itania Maria. **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011. 284p.

PORTARI, Rodrigo. **A morte e o jornalismo nosso de cada dia**, In: MARTINS, Moisés de Lemos;CORREIA, Maria da Luz; VAZ, Paulo Bernardo; ANTUNES, Elton. **Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar**. Braga: CECS, 2016.

RODRIGUES, Claudia; BRAVO, Milra Nascimento. **Morte, cemitérios e hierarquias no Brasil escravista** (séculos XVIII e XIX). Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 3-20, jul. 2012. ISSN 1983-7798. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/2478/1537>>.

ROOKE, Caroline Natale Melquiades; SANDI, André Quiroga. **Cidade Alerta: possíveis influências no comportamento da sociedade**, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2015. p. 08.

SALES, Valéria Fernanda Sousa. Saudades, **Reencontros e Manicuera: espetacularidades entrecruzadas de afeto na Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA**. Tese (Doutorado em Artes) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Belém, 2022. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/14086>.

SHEIKHA REDU, Natália; NEGRINI, Michele. **A morte no jornalismo**: o olhar de jornalistas e de advogados sobre a apresentação do caso Bernardo no Jornal Nacional. In: Razón y Palabra, vol. 20, núm. 94. Quito, Equador: Universidad de los Hemisferios, 2016.

TONDO, Romulo; NEGRINI, Michele. **Espetacularização e sensacionalismo**: Reflexões sobre o jornalismo televisivo. In: Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade Positivo PR. 2009.

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; BIONDI, Angie Gomes. **Silêncio visual e gritos verbais nas narrativas jornalísticas do feminicídio**. In: MARTINS, Moisés de Lemos; CORREIA, Maria da Luz; VAZ, Paulo Bernardo; ANTUNES, Elton. Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar. Braga: CECS, 2016.

VAINFAS, Ronaldo. **Idolatrias e milenarismo**: a resistência indígena nas Américas. Estudos Históricos, São Paulo. 5, núm. 9 (1992).

VILLASENOR, R.L. & Concone, M.H.V.B. (2012, agosto). **A celebração da Morte no imaginário popular mexicano**. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(4), “Finitude/Morte & Velhice”, p. 40. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.